

RESENDE-RJ – A SAGA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras .Presidente e Fundador da (ACANDHIS)e do IHTRGS e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974. O autor e Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980.Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu, onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu. Estudou em Canguçu, no Colégio N.S Aparecida 1938-1944, durante período que coincidiu com a 2ª Guerra Mundial.Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1995-1990.E membro correspondente das Academia da História de Portugal, da Real Academia de História da Espanha e de entidades congêneres da Argentina, Uruguai e Paraguai. Fundou e presidiu em 1992, as academias Resndense e Itatiaense de História daa quais é Presidente Emérito. De longa data é sócio do IEV e patrono de cadeira na Academia de Letras e Artes em Volta Redonda que tem por patrono o industrial José Ermírio de Moraes.Publicou matérias nos Jornais A Lyra, Folha Regional, Voz da Cidade, Tribuna do Comércio,Ponte Velha, Imprensa Livre,Jornal da Câmara, Boletim do IEV, cujos assuntos e datas constam de sua biobliografia disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

Esta trabalho do autor foi digitalizado pare ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e original no acervo da FAHIMTB , doado a AMAN em Boletim Interno e em processo de Integração no Programa Pergamium de Bibliotecas do Exército

Claudio Moreira Bento

A SAGA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE RESENDE (1835-1992)



SENAI-1992

Capa Pintura a óleo de Cel Geraldo Levasser França da primitiva fachada da Santa Casa de Misericórdia de Resende; junto e ao lado, a imagem de N.S. da Piedade, a padroeira da Irmandade e do Pio Estabelecimento. Pintura feita especialmente para este trabalho. (Foto de Sandra Masseti-Foto Arte Resende)

A SAGA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE RESENDE 1835-1992

SENAI 1992

APRESENTAÇÃO

A Santa Casa de Misericórdia de Resende é uma instituição filantrópica 12 anos mais nova do que o Brasil como nação independente.

Em que pese a enorme tradição de cuidar da saúde dos resendenses faz 157 anos, sem falhar um só dia, até hoje ela não dispunha de um trabalho de natureza histórica pelo qual se conhecesse a sua gloriosa e rica História. Servindo à Santa Casa faz mais de 30 anos, como médico, diretor clínico, membro de sua Mesa Administrativa e desde 1991 como Provedor, sentia a necessidade de que esta Pia Instituição dispusesse de uma interpretação de seu Passado, para orientar a construção de seu Presente e Futuro, e que ao mesmo tempo refletisse a gratidão dela a todos quantos, como benfeitores, membros de sua Irmandade, médicos, funcionários, enfermeiros, membros de sua Mesa Administrativa e Provedores, trabalharam e trabalham para a sua grandeza, assegurando, assim, a sua mais que sesquicentenária trajetória, e servindo por outro lado de estímulo e orientação filosófica aos que nela trabalham e trabalharão, além de despertar o respeito, a admiração, a gratidão e a solidariedade da grande Família Resendense que ela serve desde 1835.

Felizmente a nossa Santa Casa encontrou na pessoa do historiador, e irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Cláudio Moreira Bento — trazido em boa hora pelo membro da Mesa Administrativa Osvaldo Ferretti da Costa — alguém disposto e com capacidade para realizar filantrópicamente esta relevante contribuição, e como a sua maneira de ajudar a Santa Casa, no momento em que ela atravessa crise financeira sem precedentes, decorrente de crise na Previdência Social do Brasil e que atingiu todo o setor dela dependente. E Cláudio Moreira Bento, resendense de coração e há 16 anos vinculado a esta região, traduziu seu grande esforço de pesquisa no trabalho que ora tenho a honra de apresentar, este seu livro ***A Saga da Santa Casa de Misericórdia de***

Resende — 1835-1992, que foi fruto de pesquisa que realizou no último verão, em todas as fontes disponíveis, internas e externas à Santa Casa, e que constam das fontes que relacionou ao final.

O historiador em tela teve oportunidade, a nosso pedido, de apresentar síntese de sua pesquisa na histórica em concorrida reunião da Mesa Administrativa de 22 de fevereiro de 1992, quando levou todos os presentes a reflexões profundas no sentido de que, conhecendo o Passado, possam melhor entender o Presente e orientar o Futuro da mesma. E a decisão tomada consta de ata lavrada em que a Irmandade da Santa Casa, através da Mesa Administrativa, decidiu resistir às pressões de igual forma que fizeram irmãos da Santa Casa nos Últimos 157 anos e a viabilizaram desde então.

E o autor foi feliz na escolha de saga e não história. Pois Saga traduz melhor os desafios vencidos, dia após dia, há 157 anos, para viabilizar recursos de toda ordem para assistir filantrópicamente os resendenses pobres — e, hoje, principalmente, os mais carentes.

Pelo que se conclui dos estudos de Cláudio Moreira Bento, o patrimônio acumulado pela Santa Casa no período áureo do café em Resende teve que ser usado 60 anos depois na própria reforma da Santa Casa, que atingiu os anos 30, em adiantado estado de deterioração, quando então também foi ajudada significativamente pela Comissão de Construção da AMAN, então presidida pelo que veio a tornar-se um grande benfeitor da Santa Casa, o O General Luiz Sá Affonseca.

Concluiu e afirmou Cláudio Moreira Bento — emérito historiador que acabou de fundar a Academia Resendense de História, em 28 de março de 1992 — que nos últimos dez anos a Santa Casa de Resende passou por notável atualização e modernização, não ficando estagnada e desatualizada, ou mesmo regredindo, como previam algumas pessimistas opiniões, com o surgimento de modernos serviços médicos criados no mesmo período em Resende e com os quais a Santa Casa vem trabalhando em saudável convivência e concorrência, sendo o maior beneficiário a grande Família Resendense.

Ressalto aqui o resgate que o autor fez da filosofia que deve presidir a Santa Casa, por iluminada pelas palavras Santa, Misericórdia, Piedade, Humanidade e Humanitarismo, e o resgate que fez da figura de um Provedor mima Santa Casa — **"a de procurador dos doentes pobres dependentes da instituição"** —, e da galeria de Provedores de nossa Santa Casa que conseguiu reconstituir, disse-me, como resposta a um dos maiores desafios que até hoje enfrentou, bem como a dos benfeitores da instituição até 1922 e parcela expressiva deles além dessa data.

No mais, resta-me apresentar **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende** e agradecer a seu autor a valiosa e sobretudo oportuna contribuição à História de Resende, e mais ao historiador Arivaldo Silveira Fontes, em editar este trabalho no cinquentenário do SENAI, de que é o Diretor-Geral, e além disso, por uma muito feliz coincidência, membro e historiador da Turma de Infantaria de 1946 da AMAN, a única que foi considerada benfeitora da Santa Casa, e integrante da ilustre família sergipana a que pertence o Dr. Manoel Fernandes da Silveira, que foi exemplar e humanitário médico, benfeitor e Provedor da Santa Casa no período 1900-1932.

Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva Provedor da Santa Casa

SUMÁRIO

Esta é o Sumario do original e ajuda a localizar os assuntos desta cópia digitalizada que estão próximo da paginação do original.

Introdução	11
A Fundação da Santa Casa de Misericórdia de Resende	15
O 1º Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Resende	19
Os Primeiros Provedor e Zelador da Santa Casa	25
— Padre José Marques da Mota	25
— Padre Manoel Serafim dos Anjos	28
Resende por Volta de 1835	31
O Atual Prédio da Santa Casa de Misericórdia de Resende	33
Resende na Época da Construção do Atual Prédio da Santa Casa	39
A Benemerita e Sesquicentenária Caminhada da Santa Casa	45
A Origem dos Recursos da Santa Casa	51
O Salão de Honra da Santa Casa — Relicário e Sacrário da Gratidão	55
Como Reflexão	63
Os Provedores da Santa Casa de Misericórdia de Resende	65
Os Quatro Últimos Provedores	69
— Iskandar Hanna Arbache	69
— Altamiro Pimenta	69
— Engenheiro Eitel César Fernandes	70
— Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva	70
O Recordista e o Decano dos Provedores	73
— Cónego Miguel Calmon de Aragão Bulcão	73
— Engenheiro Agrônomo Arão Soares da Rocha	73
As Mesas Administrativas de 1835, 1869, 1901, 1935, 1948, 1985 e a Atual	75
Os Benfeitores da Santa Casa de Resende	83
Os Médicos da Santa Casa de Resende	91
Fontes Consultadas sobre a Santa Casa de Resende	101
Fontes Bibliográficas e Hemerográficas	103
Dados Biobibliográficos do Autor ...	107
Anexos	109
Anexo 1 — Movimento Financeiro da Santa Casa de Resende, de 1835 a 1889	111
Anexo 2 — Movimento de Doentes da Santa Casa de Resende, de 1839 a 1874	113
Anexo 3 — Relação de Aspirantes da Arma de Infantaria Integrandes da Turma de 1946, Benfeitora da Santa Casa	115

INTRODUÇÃO

A tradição é a alma de um povo e, por extensão, de uma instituição, proclamam os gaúchos, e está para um povo ou instituição como está o perfume para uma flor. Instituição que possui tradição e não a cultiva é nau sem bússola, à deriva numa tempestade, e que não sabe de onde veio nem para onde é que vai, nem onde é que está. É sinal de que perdeu sua identidade.

A presente síntese referencial permite ao leitor uma visão histórica, panorâmica, do Passado da sesquicentenária e muito benemérita Santa Casa de Misericórdia de Resende, para tornar possível ao Povo de Resende, que a criou em 1835, através de sua Câmara Municipal, conhecer o seu Presente, e assim melhor orientar a construção do seu Futuro. E, além disso, melhor cuidar do Futuro do Passado da Santa Casa, ora muito descurado e em grande parte coberto pela pátina do tempo. Passado que até então não havia sido objeto de um estudo interpretativo do que este Pio Estabelecimento pretendeu ser, do que tem sido, do que ele é e do que poderá vir a ser como instituição criada precipuamente para assistir na doença, -e espiritualmente, os resendenses pobres e desvalidos, dentro das idéias-forças contidas em seu nome e no de sua padroeira — Santa Casa, Misericórdia e Piedade, e hoje também Filantropia, ou Amor à Humanidade, sentimento comum aos espiritualistas, agnósticos e ateus, bem como o de Caridade.

É um trabalho que dedico ao Povo de Resende, ao qual a Santa Casa pertence como sua criação, e à memória de todos quantos labutaram e labutam na Santa Casa de Resende há 157 anos e que se mantiveram fiéis à filosofia que inspirou o Povo de Resende, repito, a criá-la, e a despeito das grandes crises que ela enfrentou em sua sesquicentenária e santa trajetória, como agora e em 1991, como reflexo da crise que abateu sobre a Previdência Social do Brasil.

Minha homenagem aos meus coestaduanos gaúchos tenente Domingos Gomes Jardim, de Viamão, e ao seu cunhado padre Joaquim Pereira Escobar, de Santo Antônio da Patrulha, ao capitão Miguel Pedroso Barreto, de Triunfo, primeiro Notário de Resende e pai do coronel Fabiano Pereira Barreto, e a José Marques de Souza, grande proprietário em Porto Real e filho de Rio Grande, parente próximo do Almirante Tamandaré e tio-avô do Conde de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza, general-comandante dos bravos Voluntários da Pátria de Resende em Curupaiti, Curuzu e outras memoráveis batalhas, travadas quando o atual edifício da Santa Casa estava sendo construído. Conterrâneos que ajudaram a alicerçar a recém-criada Vila de Resende, em 1801, e que aqui lançaram suas raízes, algumas delas se espalhando pelo Brasil, como o neto do capitão Miguel Barreto, o Dr. Luiz Pereira Barreto, o mais notável filho de Resende e que introduziu em São Paulo o célebre café Bourbon, retirado da Fazenda Monte Alegre, fundada pelo avô.

Gaúchos que por certo ao aqui chegarem se deslumbraram com a rica e bela planície terciária de Campo Alegre, tão parecida com os campos do Rio Grande do Sul, em cuja Santa Casa de Porto Alegre buscou inspiração a de Resende, como se verá.

Homenagem especial ao gaúcho de Tupanciretã, historiador e grande filatelista, e resendense por adoção, Itamar Bopp, que aqui chegando se enamorou de uma bela resendense e do Campo Alegre, e veio após construir obra histórica monumental e valiosa, de resgate da história da terra e da gente resendense, bem como da de Itatiaia.

Espero que não tenha decepcionado a Mesa Administrativa da Santa Casa, que me convidou para este trabalho através de um velho amigo, o coronel Osvaldo Ferretti da Costa.

Agradeço as prestimosas e gentis informações a mim prestadas pelo Provedor Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva, também o decano dos médicos daquela Pia Casa, pelo citado Mesário Ferretti, pelo Sr. Waldir Neves Guimarães — tão dedicado à Santa Casa como o foi seu pai, Amadeu Guimarães —, e à Dra. Maria Tereza Abrão, diretora clínica em exercício, e ao seu irmão, Dr. Afonso Maria Abrão, filhos de um velho e admirado companheiro do Exército, o Dr. Aziz Abrão — que se singularizou por seus exemplos de solidariedade humana, humanitarismo e caridade, junto aos cadetes, na assistência do povo pobre de Resende, amparado pela Sociedade Vicentina, e que hoje está imortalizado, com muita justiça, numa ala do moderno Pronto-Socorro.

Este é um trabalho de doação cultural de parte de um gaúcho, morador em pleno Campo Alegre e vinculado há 16 anos à região Resende-Itatiaia, seu segundo rincão natal depois de Canguçu, que teve entre os seus povoadores, por volta de 1800, um valente resendense, o capitão Francisco Soares Louzada, que comandou em 1801 a expansão da fronteira brasileira no Sul, do arroio Taim até o arroio Chuí, hoje ponto extremo-sul do Brasil.

Esperamos e desejamos que este trabalho traga algum benefício à sagrada cruzada de levar avante a sesquicentenária missão da Santa Casa de Resende e sirva de estímulo para que, no Presente e Futuro, se consiga mobilizar apóstolos da Misericórdia, da Piedade, da Fraternidade, da Caridade, da Filantropia para formarem Mesas Administrativas criativas, combativas, competentes, solidárias e com grande credibilidade comunitária, para a maior glória da Pia Instituição.

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

A FUNDAÇÃO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE RESENDE

"Beijemos a mão do passado. que é velho, e velhice é realeza"

TOBIAS BARRETO

A sesquicentenária e mui benemérita Santa Casa de Misericórdia de Resende — segundo o primeiro historiador de Resende e contemporâneo dos fatos, Dr. João Maia, na época com 15 anos — foi criada pelo Povo de Resende, através de sua Câmara Municipal, em 25 de julho de 1835.

Em verdade, destinou-se desde então ao tratamento de doentes pobres e à assistência humanitária aos desvalidos (presos, enjeitados e religiosas leigas recolhidas à Casa), podendo tratar os não pobres, que o desejassem, mediante indenização, conforme se conclui do 1º Compromisso da Irmandade da Santa Casa, como se verá.

Na cruzada humanitária para tornar realidade a Santa Casa de Resende destacaram-se, de 1829 a 1835, os seguintes vereadores: padres Francisco Carmo Froes, Joaquim Pereira Escobar, José Marques da Mota, capitão Joaquim Avila Pompeia, tenente Domingos Gomes Jardim, Bento Azevedo Carneiro Maia, Galdino de Amorim Boa

nova, José Rodrigues Neves e José Rodrigues Rocha Miranda. O último viria a ser o 1º Mordomo da Botica (Farmácia) e futuro pai do tenente-coronel da Guarda Nacional e Barão do Bananal, inaugurando assim uma tradição familiar de apoio à Santa Casa, conforme se conclui ao estudar-se a História da Casa e ao percorrer suas instalações. A Santa Casa de Resende buscou inspiração direta na Santa Casa de Areas e indireta na Santa Casa de Porto Alegre e na do Rio de Janeiro. Esta é considerada como tendo sido fundada em 1582 pelo santo beato padre José de Anchieta, e a de Porto Alegre, fundada em 1795, só atingiu grande expressão e desenvolvimento em 1824, com o Provedor Visconde de São Leopoldo, santista, cumulativamente com a presidência da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul (atual RS). Personalidade que também se consagrou como o primeiro historiador dos atuais estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e que fundaria em 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que foi o 1º presidente.

Segundo se conclui de Dahas Zarur, da Santa Casa do Rio de Janeiro,

"O padre José de Anchieta fundou a. Santa, Casa do Rio de Janeiro para prestar socorros médicos, em barracos que improvisou, a integrantes da Esquadra Espanhola do almirante Diogo Flores Valdez, que aportou no Rio em 24 de março de 1582, proveniente do estreito de Magalhães, pedindo socorro por possuir doentes graves a bordo. Anchieta pessoalmente tratou e recuperou os marinheiros doentes com infusões de ervas, frutas e raízes locais fornecidas pelos índios. "

A Santa Casa de Bananal foi criada em 1851, portanto 16 anos depois da de Resende, e por um particular. Hoje a Santa Casa de Resende é uma das 2.500 espalhadas pelo Brasil. Elas são uma projeção da imortal obra da rainha de Portugal D. Leonor de Lencastre, que criou em 1498, dois anos antes do Descobrimento do Brasil, a primeira Santa Casa no local hoje chamado Caldas da Rainha, em Portugal.

Foi Provedor da Santa Casa do Rio de Janeiro de 1793 a 1801, o vice-rei Conde de Resende, autoridade que escolheu e determinou a criação da Vila de Resende no local denominado Campo Alegre da Paraíba Nova, fundado em 1744 pela bandeira comandada pelo tenente-coronel Simão da Cunha Gago, do Terço de Auxiliares de Mogi das Cruzes-Jacaré.

Foram do Conde de Resende, como vice-rei, as seguintes iniciativas, entre outras, como doações de sesmarias em Campo Alegre, que se projetaram no progresso de Resende:

— Criação, em 1790, da primeira unidade militar de Resende — uma Companhia de Ordenanças, tendo como comandante o capitão João Soares Louzada e oficiais o tenente João Ambrósio Coutinho e o alferes Manoel Dias Pereira, e destinada a proteger as atividades econômicas que se faziam intensas a partir de 1778 no "sertão do Campo Alegre", conforme se conclui do *Almanaque do Rio de Janeiro para 1792*.

— Criação em 19 de dezembro de 1792 — aniversário da rainha D. Maria I, e na Casa do Trem de Artilharia — da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, destinada a formar, no Vice-Reino do Brasil, oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros.

Essa Real Academia, segundo o consenso de historiadores militares e civis do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, face a novos documentos surgidos, veio a transformar-se na atual Academia Militar das Agulhas Negras, que foi chamada inicialmente de Escola Militar de Resende, embora por convenção, desde 1944, o Exército

a considere como tendo origem, em 1811, na Academia Real Militar criada, ainda na Casa do Trem, por D. João, aproveitando a infra-estrutura da criada pelo Conde de Resende 19 anos antes. Esta é a última palavra da História! Parece um capricho do destino as duas maiores criações do Conde de Resende, a cidade de Resende e a AMAN, estarem convivendo juntas há quase 50 anos.

História é verdade e justiça! O Conde de Resende vem sendo acusado injustamente, sem contestação ou sem que o defendam, de haver mandado condenar e executar Tiradentes na forca. Em realidade, Tiradentes foi julgado e condenado pelo poder Judiciário de Portugal, representado por Comissão criada em Portugal e para cá enviada. O Conde de Resende representava uma parcela pouco expressiva do poder Executivo que teve de cumprir a sentença. **"Eu sou eu e as minhas circunstâncias"**, afirmou Ortega y Gasset. Assim sendo, o Conde de Resende deve ser visto e julgado dentro das circunstâncias em que aqui viveu e governou, em período coincidente com a Revolução Francesa. Ele foi um administrador incansável, consciencioso, muito realizador e competente. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação! Penso que sua ação merece uma revisão histórica serena, e o município de Resende, que ostenta o seu nome faz 192 anos, tem o compromisso moral de defendê-lo no Tribunal da História, bem como a Santa Casa, que faz 157 anos e de igual forma carrega o seu nome como Santa Casa de Misericórdia de Resende. Se os resendenses não tiverem orgulho do nome Resende deviam bani-lo ou retornarem ao nome primitivo de Campo Alegre da Paraíba Nova.

O padre José Marques da Mota, Provedor da Santa Casa e conterrâneo de Tiradentes, por ter nascido em Tiradentes, MG, em que pese ser um grande adepto da Independência, nunca investiu contra o nome da cidade de Resende, localidade que ele lutou para ser a capital de uma Província a ser criada, além de ter sido o motor para elevá-la à cidade em 1848, conforme o comprova a História, por certo por concordar com o filósofo Ortega y Gasset, quando respondeu ao ser perguntado: **Quem é o senhor? — Eu sou eu e as minhas circunstâncias!"**

O 1º COMPROMISSO DA IRMANDADE DA SANTA CASA DE RESENDE

O 1º Compromisso da Santa Casa de Resende, uma espécie de Estatutos à época, foi confirmado em 30 de julho de 1837 pelo Regente do Império padre Antônio Diogo Feijó, conforme documento que leva por título:

"Carta em que o Regente do Império padre Antônio Diogo Feijó, em nome do Imperador D. Pedro 2º Há por bem confirmar o Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Villa de Resende, deste bispado do Rio de Janeiro. "

Refere a confirmação que o Compromisso estava escrito em 5 meias folhas, com 16 capítulos, e que fora registrado na Secretaria do Estado dos Negócios da Justiça, com a seguinte alteração para melhor:

"A Santa Casa de Misericórdia, da Villa de Resende gozará da isenção dos direitos gerais e provinciais que as leis concedem a estes Pios Estabelecimentos. "

Assim ficava satisfeito o desejo das Santas Casas de Areas e Resende de gozarem dos mesmos direitos e isenções concedidos à Santa Casa de Misericórdia de São Pedro do Sul (referia-se à de Porto Alegre), que inspirara os compromissos das Santas Casas referidas.

O Compromisso da Santa Casa de Areas, inspirado no da de Porto Alegre, fora confirmado pelo Regente do Império brigadeiro Francisco Lima e Silva, pai do futuro Duque de Caxias e Patrono do Exército Brasileiro, e com a seguinte ressalva:

"Enumerar a isenção dos direitos concedidos à Santa Casa de Misericórdia da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul (Santa Casa de Porto Alegre) para posterior concessão."

O 1º Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Resende tinha as seguintes idéias principais, distribuídas em 16 capítulos:

— A Irmandade seria composta de todas as classe sociais.

— Os irmãos teriam registro em livro próprio e isentados de jóia na entrada.

— Da Irmandade se formaria uma Mesa Administrativa com 24 membros: Provedor, Escrivão, Tesoureiro, Procurador, Zelador, 14 mordomos e mordomas, e 5 auxiliares coadjutoras.

Os mordomos seriam: da Capela, dos Enjeitados (expostos), das Enjeitadas (expostas), da Botica (Farmácia), dos Presos, Enfermeiro-Mor, Enfermeira-Mor, das Recolhidas à Casa, Comprador de Víveres, das Cartas à Corte e Províncias, e 3 mordomas.

O Mordomo Comprador de Víveres e as 3 mordomas se revezariam de 2 em 2 meses na responsabilidade pela compra mensal de víveres, pelas despesas e pelo sustento diário dos doentes.

O registro das despesas seria lançado em livro próprio, a ser conferido pela Mesa Administrativa da Santa Casa todas as primeiras sextas-feiras de cada mês.

Ao Procurador da Santa Casa competiriam as cobranças, arrecadações e demais negócios da Santa Casa, bem como a libertação dos presos sob a sua proteção.

Ao Mordomo dos Enjeitados e à Mordoma das Enjeitadas competiria registrar em livro próprio o dia, mês e ano em que foi recebido o enjeitado ou enjeitada, bem como o nome da ama designada para criá-lo, com o fim de que se um dia viessem a ser conhecidos os pais estes tomassem conta de seus filhos.

A Santa Casa deveria receber para tratamento todos os doentes pobres apresentados ao enfermeiro com autorização escrita do Provedor.

Caso a moléstia ***"fosse interna ou oculta"*** o doente pobre seria apresentado ao médico ou cirurgião, a quem caberia declarar ***"a necessidade de se curar aquele doente"***.

Haveria um livro-registro para doentes pobres no qual constaria: nome do enfermo, *"sua qualidade"*, dia, mês e ano em que saiu curado ou que faleceu.

Caberia ao Escrivão comunicar à Mesa Administrativa, sempre que oportuno, quantos doentes entraram, saíram e ainda permaneciam na Casa.

Haveria o registro das despesas diárias com cada doente e que seria numerado e rubricado pelo Provedor.

Que à Câmara Municipal de Resende caberia empossar a la Mesa Administrativa da Santa Casa, e esta ficava autorizada a empossar a sucessora, e assim por diante.

Que o mandato de cada Mesa Administrativa seria de 1 ano, e a Mesa substituída deveria prestar contas rigorosas à Mesa substituta.

Que se elegeriam junto com a Mesa, e retiradas da Irmandade, 3 irmãs enfermeiras e 3 irmãs coadjuvadoras, que dividiriam entre si a direção da Santa Casa, mensalmente, no que respeitasse ao melhor tratamento dos doentes, sujeitando-se em tudo ao regulamento da Casa.

Que a padroeira escolhida para a Santa Casa de Misericórdia de Resende seria Nossa Senhora da Piedade, e o distintivo da Santa Casa (ou pavilhão, ou estandarte) uma bandeira quadrada de pano azul celeste, tendo estampada nela a imagem de N. S* da Piedade.

Que o traje formal da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Resende seria uma capa preta de pano (eça) para os irmãos.

Que a Capela devia ser ornada decentemente, para **"que pudesse haver nela os Sacramentos para acudir com eles os enfermos, sempre que necessário."**

Em 24 de abril de 1850 e em 20 de setembro de 1851, respectivamente, a Santa Casa de Resende teve os 2º e 3º Compromissos, mais explícitos, confirmados pelo Imperador D. Pedro II. O de 1850 consta de 7 folhas e meia, 20 capítulos e 125 artigos.

Esses Compromissos coincidiram com o início do declínio do ciclo do café em Resende e apogeu do café em Bananal, que construiu sua Santa Casa em 1851 com recursos de um benfeitor e hoje sob as águas da Represa de Ribeirão das Lages, na antiga e então próspera São João Marcos,

O dia 2 de julho significa para as Santas Casas de Misericórdia a data da criação, em 1498, em Caldas da Rainha, em Portugal, da primeira Santa Casa — pela rainha D. Leonor de Lencastre e frei Miguel de Contreiras. Tradição pentassecular que as Santas Casas que preservam a sua identidade histórica cultivam com carinho. Esse dia é também o de Santa Isabel, ou o dia do Encontro de Santa Isabel com sua prima Santa Maria, anunciando-lhe: **"Bendita sois entre as mulheres a mãe do Senhor."**

Em Diploma que a Irmandade da Santa Casa de Resende conferia aos irmãos, por volta de 1917, consta em destaque, ao lado de N. Sa da Piedade com seu filho, o Senhor Jesus Cristo Morto, a gravura de Santa Isabel (lado direito) e de Santa Catarina (lado esquerdo), e na base do diploma a figura de uma linda mulher com a palavra Charitas (Caridade). Do lado direito do diploma, São Vicente de Paulo, e, do outro, São João de Deus. Enfim, tradições constatadas que permitirão o resgate da identidade da Irmandade da Santa Casa de Resende, em sua função social de prestar assistência ao corpo e espírito dos doentes que nela se internam e têm se internado há 157 anos. É o que dela espera a grande Família Resendense.

OS PRIMEIROS PROVEDORES E ZELADORES DA SANTA CASA

Padre José Marques da Mota (1795-1857). Foi o 1º Provedor e o 1º irmão da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Resende, e, segundo Itamar Bopp, foi o vereador que deu a idéia de que Resende devia ter uma Santa Casa. Resendense de coração e por adoção, era natural de Tiradentes, MG (ex-vila São José dei Rei), onde

nasceu em 27 de março de 1795, filho do militar, furriel de Ordenanças, Antônio Marques Pinto (português) e de Ana Tomas da Mota, e irmão do alferes de Ordenanças Bento José Marques, radicado em Guaratinguetá. A sua ligação com as Ordenanças através do pai e do irmão atesta a importância social de sua família.

O padre Mota, após estudar em Mariana, consta tenha se desentendido com seus superiores e decidido vir para Resende, sabedor da excelência de seu clima, progresso com a cultura do café e para onde haviam emigrado muitos dos seus conhecidos com a decadência do ciclo do ouro. Chegou em Resende por volta de 1826, aos 31 anos. Em 1827 liderou a construção da igreja Senhor dos Passos, colocada na colina mais elevada de Resende, em terreno doado pelo gaúcho tenente Domingos Gomes Jardim. Foi a 3ª igreja a ser construída nas 3 colinas da cidade, onde se situaram dominantes. Não pôde manter-se por muito tempo alheio à política, sendo logo guindado à liderança da Oposição como membro do Partido Liberal. Foi vereador combativo e atuante de 1829 a 1832. Em 25 de março de 1830 foi protagonista, à noite, furtivamente, na Câmara, junto com o capitão Eleutério da S. Prado, da queima à luz de vela de uma horrível e irreconhecível pintura de D. Pedro I existente na Câmara. Era o dia do 6º aniversário da Constituição de 1824, e ideal para um protesto contra **"o Gabinete Secreto" de D. Pedro I**, acusado de pró-Portugal. Conhecido o protesto, foi o mesmo classificado pelos opositores conservadores de **"crime de lesa-majestade"**. O padre Mota depois disso teve de procurar guarida na Fazenda do Morro Redondo, e seu companheiro, o paulista capitão Prado, teve de procurar asilo no Uruguai, recém-independente do Brasil, e depois de 15 dias de viagem. O padre Mota, serenado os ânimos, pôde retornar sob a proteção do novo Código Penal, que não considerava a queima de retratos do Imperador crime de lesa-majestade.

Antes, no 1º semestre de 1829, o padre Mota havia, com larga visão geopolítica, proposto a criação de uma nova Província tendo como capital a vila de Resende e os seguintes municípios das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No Sul-Fluminense, abrangeria em linhas gerais Resende (Itatiaia, Barra Mansa, Volta Redonda, Barra do Pirai), São João Marcos, Valença, Angra dos Reis e Parati. De São Paulo, abrangeria Areas, Bananal, Lorena, Cruzeiro e Cunha. De Minas Gerais, Ayrucá, Campanha, Baependi (São Lourenço, Lambari). O argumento era a grande distância daquelas localidades de Ouro Preto, Rio de Janeiro e São Paulo, ***"que obrigava seus moradores a caminharem longas distâncias com a mochila nas costas e armados e por maus caminhos para tratarem de seus legítimos interesses e que até agora a efetividade dos direitos políticos e individuais estabelecidos pela Constituição não correspondiam de modo algum à riqueza de suas produções..."***

Segundo o padre Mota, o projeto não foi avante em razão ***"das rivalidades que sempre existem entre as povoações vizinhas valerem mais do que o bem-estar e a comodidade de seus munícipes"***.

Depois do incidente do **"crime de lesa-majestade"**, o padre Mota fundou, ainda em 1830 e segundo Cybele de Ypanema, o jornal **O Gênio Brasileiro**, o que equivaleu à fundação da imprensa de Resende e da imprensa Sul-Fluminense, sendo o 59º jornal fundado na Província do Rio de Janeiro. A oficina de **O Gênio Brasileiro**, montada com impressora trazida pelo padre Mota do Rio de Janeiro em lombo de mulas, funcionou na casa paroquial da igreja Senhor dos Passos.

Existem em poder do historiador de Resende Itamar Bopp duas cópias xerox de dois números de **O Gênio Brasileiro** e que lhe foram cedidas pelo historiador Hélio

Viana, cunhado do ex-presidente Marechal Castelo Branco, nome de avenida importante de acesso a Resende.

Com esse jornal o padre Mota moveu intensa campanha em Resende em prol da cruzada que culminou com a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831. Foi o padre Mota quem trouxe o primeiro piano para Resende e quem introduziu o primeiro teatro, na atual Rua Cunha Gago. Foi o 5º professor alfabetizador com que contou Resende.

O padre Mota foi o maior batalhador, ao lado do padre Joaquim Pereira Escobar e de Fabiano Pereira Barreto, para tornar Resende cidade, segundo Itamar Bopp, em Resende Cem Anos de Cidade:

"O padre Mota jurou aos deuses vencer a campanha a que se devotara com ardor cívico, com acendrado amor a Resende. Na imprensa, na tribuna da Câmara, na tribuna popular, nas ruas e até na tribuna sacra, no púlpito da matriz, no sopé do altar das capelas roceiras, Resende Cidade era o seu slogan. Idéia fixa do infatigado combatente montanhês. Multiplicava-se em atividade trepidante. Coletava informes estatísticos e cifras que convenciam. Angariava representações populares. Redigia memórias. As endereçava a figuras do oficialismo dominante. Ao Imperador, ao Presidente da Província, a senadores e deputados, à Assembléia Provincial, aos magnatas políticos de toda a Província. Não esmorecia. Não estacava na caminhada rude. Era um rodopio esfuziante, contínuo, infatigado. Venceu afinal o incansável sacerdote. A Assembléia Legislativa aprovou, a 6 de julho de 1848, a Resolução conferindo á Vila de Resende as prerrogativas de Cidade."

Na memorável festa de 27 de agosto de 1848, de elevação de Resende à cidade, coube ao padre José Marques da Mota proferir a patriótica oração alusiva do Te Deum celebrado na igreja matriz.

O padre Mota contribuiu expressivamente para o progresso de Resende por mais de 30 anos. Ele faleceu na Santa Casa da Misericórdia de Resende (atual nº 189 da Rua do Rosário) em 4 de maio de 1857, e em meio a grande consternação. Santa Casa que ele havia idealizado como vereador e implantado como o seu Is Provedor.

Em seu testamento de homem pobre registrou como prova de sua integridade e honestidade: ***"O pálio roxo em minha casa é do Senhor dos Passos. O piano é do filho do capitão Pompeia."***

Em 1867, ao ser aberta a sua catacumba, seu corpo estava bastante conservado, causando imensa surpresa na cidade. Com base nele, reza a tradição, foi fixado seu retrato a óleo, que passou a figurar na Galeria de Servidores da Santa Casa. Retrato a óleo que encontrei na sacristia da capela e vinha sendo considerado como sendo o do padre Manoel Serafim dos Anjos, que nunca possuiu retrato na Santa Casa e era de cor preta. O que não mais existe é o retrato do padre Joaquim Escobar.

Seguramente o padre Mota foi objeto de um processo de embalsamamento bem-sucedido por algum médico da Santa Casa. O padre José Marques da Mota é nome de importante e antiga rua de Resende, entre a Prefeitura e o minizoológico. Em 1901, centenário do vilamento de Resende, os irmãos Antônio, Augusto, Áureo e Frederico Marques da Mota Guimarães, resendenses que haviam migrado e feito fortuna em Sertãozinho, SP, e conquistado altos postos na Guarda Nacional local, mandaram junto com outros resendenses uma preciosa lembrança comemorativa do centenário e que esteve guardada na Santa Casa até 1936. Esta é, em síntese, em largos traços, a imensa

figura do 1º Provedor da Santa Casa de Resende, a quem muito ela está a dever e de igual forma Resende. Ele é o nome ideal para qualquer comenda comunitária que venha a ser criada. É patrono de cadeira na Academia Resendense de História, por nós criada e presidida em 28 de março de 1992.

Resende, que trouxe para esta, a experiência que colhera na implantação da de Areas e por sugestão do vereador padre Joaquim Pereira Escobar.

Padre Manoel Serafim dos Anjos (1765-1840). Foi o 1º Zelador e o 1º funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Resende, que trouxe para esta a experiência que colhera na implantação da de Areas e por sugestão do vereador padre Joaquim Pereira Escobar. Ele nasceu em Sorocaba, SP, em 1765, sendo batizado, ainda nesse ano, em 30 de junho. Era filho legítimo do guarda-mor Ignacio Ferreira Coutinho (português) e de Maria Madalena de Jesus, de Taubaté, SP. Era de cor negra. Impôs-se desde logo em Resende como um santo homem. Era caridoso, bondoso, solidário e desprendido com os seus doentes pobres, aos quais acudia com seus magros vencimentos pagos pela Câmara. Havia redigido o Compromisso da Santa Casa de Areas. Foi o implantador da mesma. Trabalhou pouco tempo em Resende, aonde chegara septuagenário. Para poupá-lo do grande esforço que despendia na Santa Casa de Resende, seus superiores o transferiram como pároco de Vargem Grande, onde veio a falecer por volta de 1840, aos 75 anos, sem saber-se em que local foi sepultado. Ele foi quem celebrou o casamento de Bento Azevedo Carneiro Maia, tronco de ilustre família resendense e pai do historiador João Maia. Desde 1873 tem seu nome a Rua Padre Manoel dos Anjos, antiga Rua da Cachoeira e depois do Quartel (da Polícia), em cujo cruzamento com a atual Eduardo Cotrim, vértice sudeste, ele havia instalado a Santa Casa primitiva, em prédio alugado, até que a transferiu para o nº 189 da Rua do Rosário. O padre Manoel dos Anjos está homenageado no nome do moderno Centro Cirúrgico da Santa Casa, inaugurado para o sesquicentenário da Santa Casa. Os exemplos de modelar cristão deixados na Santa Casa de Resende pelo padre Manoel dos Anjos, o primeiro funcionário e que por vezes era visto humildemente descalço, atravessaram os anos, como tradições vivas e fortes a inspirar todos os que ali trabalham. Afirmam alguns terem recebido graças especiais, inclusive de cura pedida ao padre Manoel dos Anjos, no sentido de que intercedesse junto a Deus. São fatos a confirmar por especialistas! O título de guarda-mor do pai do padre Manoel dos Anjos seguramente se refere a agente fiscal da Feira de Sorocaba.



Óleo focalizado o 1º Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Resende, padre José Marques da Mota(foto cedida por Sandra Masseti, de Foto Arte). Consta que esta pintura foi feita do seu cadaver ao ser retirado conseevado da sua sepultura.

RESENDE POR VOLTA DE 1835

A Santa Casa de Resende foi criada no apogeu do ciclo do café em Resende, mais ou menos coincidente com o período da elevação de Resende à vila e ao de sua elevação à cidade, segundo conclusão de estudos específicos das historiadoras de Resende sobre o café aqui, Maria Celina Whately e Solange Godoy. Nesse período, grandes fortunas haviam acumulado muitos fazendeiros do café. Fortunas exteriorizadas em majestosos sobrados que começaram a ser levantados na década de 1830, como por exemplo o do Castelo, até hoje preservado num esforço admirável de D. Haydée Marcondes Godoy e de seus filhos Solange e George, com a renúncia de polpidos lucros imobiliários (Rev. Gerale, dez./91).

Resende, como se recorda, havia ganhado em 1830 o seu primeiro jornal, **O Gênio Brasileiro**, criado pelo 1º Provedor, o padre Mota.

O sábio Saint Hilaire, ao viajar em 1822 pelo Caminho Novo Rio— São Paulo, observou ao passar próximo à vila de Resende:

"Quanto mais próximo da capitania do Rio de Janeiro, mais consideráveis são as plantações de café. Várias existem muito importantes perto da vila de Resende. Proprietários dessa redondeza possuem 40, 60, 80 e até 100 mil pés de café. Pelo alto preço deste produto devem estes fazendeiros ganhar somas enormes. "

O café era transportado no lombo de mulas provenientes do Rio Grande do Sul, através da Feira de Sorocaba, até o porto do Ariró, na enseada de Angra dos Reis. A pecuária de corte de Resende convivía com o café e abastecia o Rio de Janeiro com gado transportado pelo Caminho Novo. Na capital a carne do gado de Resende criado no Campo Alegre gozava de merecida fama por seu bom sabor e maciez (pasto cape-tinga).

Quando da criação da Santa Casa fazia dois anos que a enchente do rio Paraíba de 23 de março de 1833 havia levado a la ponte construída ligando Resende aos Campos Elisios. Fora o ano em que o Barão de Ayruoca, residente em Vassouras, lá havia construído a la ponte local sobre o Paraíba. Somente em 1836 Resende passou a contar com nova ponte, que a duras penas atingiu 1905, quando foi substituída pela monumental ponte de ferro, até hoje, depois de reformada, ainda prestando serviços. Ainda nesse ano Campo Belo (atual Itatiaia) foi ligada a Resende por estrada ao longo da margem direita do rio. Lá, segundo confirma a historiadora Alda Bernardes de Faria e Silva, foram construídas pontes pelos vizinhos capitão Antônio Pereira Leite e capitão José Ferreira de Souza, que vão se ligar à história do atual prédio da Santa Casa como doador do terreno e empreiteiro da obra, respectivamente.

No Rio Grande do Sul, pouco depois de 20 de setembro de 1835, estourara a Revolução Farroupilha, que duraria 10 anos. Revolução iniciada em Guaíba, na casa de José Vasconcelos Gomes Jardim, da família do tenente Domingos Gomes Jardim, gaúcho de Viamão que chegou a Resende antes de 1801, casado com uma gaúcha de Vacaria e que recebeu sesmaria em Bulhões. Personagem que prosperou e foi um dos grandes construtores da comunidade resendense, ao lado de seu cunhado padre Joaquim Pereira Escobar, de Bento de Azevedo Maia (português) e Fabiano Pereira Barreto, todos ligados a iniciativas de construções sesquicentenárias de Resende, como a das igrejas Senhor dos Passos (1827), matriz (1831), Cadeia Pública (1826) e cemitério, todos elos monumentais do Passado com o Presente, cujo Futuro precisa ser zeloso cuidado.

O ATUAL PRÉDIO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE RESENDE

Ele abriga a Santa Casa há 122 anos e foi o terceiro que ela ocupou. O primeiro foi um prédio alugado no cruzamento da Rua Padre Manoel dos Anjos, com a Eduardo Cotrim (ex-Misericórdia), na esquina voltada para sudeste. Aí ficou muito pouco tempo, transferindo-se para prédio próprio e ainda hoje existente à Rua do Rosário, 189, onde permaneceu 30 anos. O terreno em que ela se situava foi doado pelo Barão de Ayruoca, Custódio Ferreira Leite (1782-1886), ligado a numerosos empreendimentos no Sul-Fluminense. Foi tentada uma ampliação desse prédio, que até 1891 ainda era patrimônio da Santa Casa. Isso consistiu em um enorme pavilhão de 12 x 25 metros. Tão logo concluído, ele foi atingido, às 21 horas de 15 de novembro de 1858, por violentíssimo temporal que o destruiu por completo, causando um prejuízo de 20 contos de réis à Santa Casa. Nessa noite Resende sofreu grandes prejuízos com o vendaval. A torre esquerda da igreja matriz foi arrancada e o seu sino projetado na entrada da Rua 15 de Novembro (ex-Direita). Muros foram derrubados. Casas foram destelhadas e ruas foram escavadas pela violência das águas. Foi talvez o maior temporal de que se tem notícia. Essa noite foi angustiante e terrífica para os resendenses. O escravo Honório Benguela, ao fugir apavorado da Santa Casa, foi colhido por fortíssima rajada de vento e chuva que o arremessou a mais de 5 metros, segundo registros da época. Alguns tomaram o fato como um protesto divino para que a Santa Casa tivesse mais dignidade, majestade, projeção e arejamento.

Assim surgiria nas Mesas Administrativas da Santa Casa de 1858-1859 a idéia do atual prédio, robusto, amplo, arejado e capaz de resistir a fortes ventos com suas paredes de metro de espessura.

O projeto do atual prédio, moderno para a época e até 1944 o maior edifício de Resende, com 2.420 m² (44 m de frente x 55 m de fundos), foi concebido pelo engenheiro Luiz Hosxe, o mesmo que projetou no Rio de Janeiro o Automóvel Club (1850), a Beneficência Portuguesa (1853) e o Hospital da Ordem 3^a do Carmo (1866), na Rua Riachuelo, segundo o historiador Donato Melo Júnior. Seu custo foi orçado em 120 contos de réis. O terreno, antiga Praça das Cavalhadas e depois da Aclamação, por ali ter Resende festejado a Aclamação de D. Pedro I como Imperador, foi doado pelo capitão Antônio Pereira Leite, rico fazendeiro em São João do Barreiro, na época pertencente à Mesa Administrativa da Santa Casa e que por ter falecido em 1866 não pôde assistir à inauguração do prédio. O empreiteiro da obra foi o capitão José Ferreira de Souza. As obras tiveram início em 1^a de maio de 1861, com a pedra fundamental. A sua inauguração teve lugar em 25 de julho de 1866, 34^o aniversário da criação pelo Povo de Resende, através de sua Câmara Municipal, da Santa Casa. Nesse dia foi feita a transferência dos doentes para o atual prédio, bem como, em procissão solene, da imagem da padroeira da Santa Casa, N. S. da Piedade, desde então entronizada no Salão de Honra, onde então foi rezada a 1^a missa no atual prédio, a que assistiram a Mesa Administrativa, a Irmandade da Santa Casa, empregados da Irmandade e o Povo de Resende em geral. A ata de inauguração foi assinada por muitos presentes.

Falaram na ocasião: o comendador Joaquim Gomes Jardim, Provedor e presidente da Câmara de Resende, sobrinho e filho dos vereadores que haviam lutado pela criação da Santa Casa — o padre Joaquim Pereira Escobar e o tenente Domingos Gomes Jardim; o maestro Luiz Pistarini, pai do poeta de mesmo nome que ali faleceria; o historiador Dr. João Maia, atual patrono da Academia Resendense de História e filho do vereador Bento de Azevedo Maia, vereador ligado à criação da Casa; o Mordomo Jacome de Campos, pai da grande poetisa Narcisa Amália, então com 16 anos e casada; o Dr. Pedro Campos, que presidiu a Câmara em 1848, na elevação de Resende à cidade; e, finalmente, os mordomos solicitadores Santos Fluminense e Manoel Conrado, que haviam

adquirido o mobiliário da Sala de Sessões da Mesa Administrativa e atual Salão de Honra, por subscrição popular. Esse Salão de Honra desde então tem sido um Relicário e Baú de Recordações, e um Sacrário da Gratidão da Irmandade da Santa Casa aos seus benfeitores. E assim parece que deve ser o seu futuro.

Nesse Salão de Honra foi inaugurada a mesa feita a mão e doada pelo seu artífice, Manoel Rodrigues, após construída com madeiras da Fazenda Ribeirão Raso, em Itatiaia atual, de propriedade de D. Mariana Pereira Leite. Nessa histórica mesa, durante mais de um século foi traçado o destino da Santa Casa, até ela ser retirada e colocada na Prefeitura Municipal, para dar lugar, no Salão de Honra, a um mini auditório e biblioteca médica. O atual Provedor quer resgatá-la para o seu histórico lugar, de onde nunca deveria ter saído, por seu alto sentido patrimonial-histórico para a Irmandade da Santa Casa, a quem o seu construtor a doou. Outra doação foi a de um artístico carrilhão, feita por Matias Hummel, e que após recuperado das agressões do tempo e dos homens se encontra na Provedoria. É outra relíquia da Irmandade da Santa Casa.

Do prédio foi inaugurada somente a ala esquerda, que dá para a Rua Dr. Clemente Ferreira. Na época ele alojava 18 doentes indigentes e até então haviam sido gastos 50 contos. Os recursos aplicados foram fruto de contribuição do Povo de Resende e de avultadas quantias fornecidas pela Província do Rio de Janeiro, segundo o historiador João Maia.

No centenário do vilamento de Resende, em 1901, segundo concluiu o **Jornal do Brasil**, de 2, 3 e 4 de outubro de 1901, que visitou a Santa Casa, ***"era esta um estabelecimento modelo que havia prestado uma grande série de serviços à pobreza de Resende. Abrigava uma bem montada farmácia, salas de consultas e sala do banco (remédios a serem fornecidos grátis aos pobres), uma bonita capela, onde se via a consoladora imagem de N. S^a da Piedade, a padroeira da Irmandade e da Santa Casa, um necrotério todo ladrilhado, 6 enfermarias masculinas e 1 feminina, 1 para crianças e diversos quartos particulares. Havia mais uma enfermaria — a Baronesa do Bananal, Instituída e mantida por seu filho, Dr. Rodolfo Rocha Miranda, e destinada a amparar a velhice. Havia mais uma Sala de Sessões para a Mesa Administrativa, que também funcionava como Salão de Honra e onde haviam sido entronizados, como gratidão, retratos a óleo de grandes benfeitores."*** Estava para ser inaugurada uma enfermaria com o nome de Alfredo Sodré, então Vice-Provedor.

Já na mesma ocasião Moreira Pinto registrou no **Almanaque do Centenário de Resende** para 1902:

"O edifício mais importante de Resende é a Santa Casa de Misericórdia. Ela ocupa prédio de vastas proporções, assobradado, com enfermarias espaçosas e bem arejadas e boas camas de ferro. Visitando tão Pia Casa tive ocasião de observar o extraordinário asseio de suas enfermarias. "

De fato, a pintura Resende, de autoria do grande pintor resendense A. Nunes de Paula, feita nos anos 10, ressalta a Santa Casa como o maior edifício de Resende. Essa pintura pertence ao acervo do MAM de Resende. Em 1901 a Santa Casa abrigava 65 doentes e no ano anterior havia tratado de 780 doentes e aviado 2.400 receitas. Era Provedor o padre Bulcão e seu médico o humanitário Dr. Manoel Fernandes da Silveira. O quadro de funcionários era de 15 integrantes. Havia missa todos os domingos na capela, bem como catecismo.

No centenário da cidade de Resende, em 1948, a Santa Casa continuava a ser o edifício mais importante de Resende, só superado pela AMAN. Ela estava toda amurada. Possuía 11 enfermarias com 10 leitos cada, 8 quartos (4 de 1ª e 4 de 2ª) e 7 apartamentos. Havia 65 baixados.

Atualmente o velho prédio abriga Capela, Salão de Honra (Sala da Gratidão e da Memória da Santa Casa), uma moderna UTI de Hospital Geral, o moderno Centro Cirúrgico Padre Manoel dos Anjos, com 5 salas, moderna Maternidade, Sala de Esterilização, Farmácia, Radiologia 24 horas, moderna Pediatria, 5 enfermarias masculinas e 1 feminina e 14 apartamentos.

E nesse prédio carismático, vetusto e monumental — e hoje sacralizado pelos gestos de Misericórdia, Piedade, Caridade, Benemerência e Solidariedade Humana, e de Amor ao próximo e à Humanidade, que se tem praticado com o POVO de Resende — é que a Santa Casa vem cumprindo o seu alevantado papel social há mais de 120 anos. E tem sido já cenário do nascimento e passamento de muitos resendenses que ali vieram ao mundo e ali o deixaram.

Apesar da modernização e avanços da Medicina, e maior afluxo de doentes, o velho e Pio Casarão da Praça Clemente Ferreira mantém externamente suas características arquitetônicas básicas de um século atrás. No entanto, no seu sesquicentenário como Santa Casa, acolhia em seu Ventre — com adaptações necessárias que ela sempre tem suportado com flexibilidade — as avançadas e modernas instalações citadas.

A Santa Casa originariamente e por muitos anos apresentou em sua entrada um frontão em semicírculo correspondente com a porta de entrada e suas duas janelas laterais, representativo que ali estava inserida a capela de N. S. da Piedade. O frontão era encimado por uma cruz e trazia em sua face em alto-relevo a sigla SCM (Santa Casa de Misericórdia), e assim a fixou A. Nunes de Paula na pintura Resende.

Tem sido uma preocupação louvável dos Provedores e Mesas Administrativas de preservarem a todo custo o visual centenário do prédio. É possível que, em breve, o Povo de Resende veja surgir por detrás do histórico prédio um apêndice vertical da Santa Casa, abrigando entre outros melhoramentos uma ala destinada a queimados. Que assim seja!



Vista panorâmica de Resende nos anos 10 deste século, vendo-se em primeiro plano, à esquerda, o prédio da Santa Casa. A seta indica o 1º prédio onde ela funcionou
(Foto de arquivo da Santa Casa, da Foto Arta)

RESENDE NA ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO DO ATUAL PRÉDIO DA SANTA CASA

O esforço para a construção efetiva do atual prédio da Santa Casa foi quase coincidente com os períodos da Guerra do Paraguai (1865-1870) e da navegação fluvial Resende— Barra do Pirai (1860-1874), até onde havia atingido em 1860 as pontas dos trilhos da Ferrovia D. Pedro II. E foi por via ferroviária até Barra do Pirai e desta via fluvial até o local mais próximo à Santa Casa, das barrancas do rio Paraíba, que ela recebeu madeiras como pinho-de-riça importado e que até hoje resistem à ação dos anos, bem como suas gigantescas para a época janelas envidraçadas.

Na Guerra do Paraguai Resende teve expressiva participação, através do envio de 250 Voluntários da Pátria, após treinados no Campo do Manejo (Manejo era o nome que se dava aos campos hoje chamados de Instrução Militar), atual bairro da cidade, lembrando aquela circunstância bélica. Dos 250 resendenses enviados para a guerra, 40 morreram em campanha. Voltaram cobertos de glória e foram festivamente recebidos pela cidade, por terem sido promovidos por atos de bravura a tenente, os resendenses João Rodrigues Godoy Lobo e José Dias Carneiro.

A participação resendense na Guerra do Paraguai foi imortalizada por Joaquim de Azevedo Carneiro Maia, em "**Voluntários da Pátria — Resendenses na Guerra do Paraguai**", In: Cavalaria. Resende, AMAN — Curso de Cavalaria, 1979 (nº dedicado ao centenário da morte do general Osório).

Os Voluntários da Pátria, em meio a grandes despedidas no porto, seguiram de barco até Barra do Pirai. Foi confiada a Bandeira dos Voluntários da Pátria de Resende ao jovem Voluntário Paulino Jardim, filho do Provedor da Santa Casa e presidente da

Câmara Joaquim Gomes Jardim Paulino voltou a terra de seu antepassado gaúcho tenente Domingos Gomes Jardim, ao Rio Grande, onde de lá ajudou a expulsar o invasor paraguaio de São Borja e de Uruguaiana.

Nesse conflito se destacou o resendense Antônio Vicente Monteiro Duarte, por alcunha Antoninho Bilheteiro e pai do grande intelectual paulista Paulo Duarte, que o evocou em suas Memórias. Resendense que ascendeu de sargento a major durante a guerra e veio a falecer em Franca, SP, em 1906, sem jamais ter voltado a Resende.

Destacou-se também nessa guerra o, agora filho de coração de Itatiaia, capitão honorário do Exército Virgínio Thomaz de Aquino, que combateu em Curuzu, Curupaiti e Tuiuti, e fez juz à condecoração de Cavaleiro da Ordem da Rosa e hoje é patrono de cadeira da Academia Itatiaense de História. Na época da construção da atual Santa Casa, Resende teve o seu 1º filho elevado a titular do Império, por sua participação econômica no esforço de guerra, o Barão do Bananal. A ferrovia chegara à cidade em 1874; foi planejado o abastecimento d'água; chegaram a Resende imigrantes chineses e que adotaram nomes brasileiros, como João Miguel dos Santos, Raimundo Joaquim Ferreira e Antônio Lúbio; passou a vigorar o sistema métrico decimal; foi instalado o matadouro público; Itatiaia ganhou sua agência de Correios; as praças de Resende foram arborizadas; a rua onde o comércio se concentrava era a Eduardo Cotrim, que na época recebera o nome de Rua da Misericórdia, por nela situar-se **"o maior prédio da cidade — a Santa Casa de Misericórdia de Resende"**; fora inaugurado o Teatro Santa Rita; foram proibidos os sepultamentos em cemitérios particulares em fazendas; fora inaugurada em 11 de setembro de 1870 a centenária Loja Maçônica Lealdade e Brio; a velha ponte de madeira do rio Paraíba, muito esburacada em seu piso, causava freqüentes acidentes, inclusive um fatal; a Câmara adquirira um sino que colocou em sua sede para dar o Toque do Recolher às 21 horas, para os escravos ou desconhecidos que andassem pelas ruas sem licença do seu senhor ou da autoridade policial.

A atual Santa Casa originalmente ostentava um sino ao seu lado. Ele foi transferido para a frente, junto à capela, acredito quando da construção do Pronto-Socorro. Tanto o sino como o seu suporte de madeira são peças com alto sentido patrimonial-histórico para Resende.

Em 1865 Itatiaia foi atingida por um surto de varíola (bexiga), tendo se destacado pelos desvelos no tratamento dos doentes o padre Tomás de Aquino, que pelos seus excepcionais méritos comunitários foi eleito patrono de uma das cadeiras da Academia Itatiaense de História. Nessa época Itatiaia estava ligada por via fluvial às pontas dos trilhos da Ferrovia D. Pedro II, em Barra do Pirai, e coletava em seus armazéns as produções de Queluz, cidade onde consta existir em sua capela uma imagem de São Benedito, esculpida pelo padre Manoel dos Anjos, como homenagem a um santo homem, como ele, de cor negra. Capela que abrigava também uma memória sobre os índios puris, primitivos habitantes da região. Também Areas despachava suas produções por Itatiaia (então Campo Belo). A partir de 15 de novembro de 1877, Areas passou a contar mais próximo com a ferrovia então inaugurada de Bocaina—Resende (Surubi), com estação nos fundos da Santa Casa, cuja ala direita e capela só foram inauguradas por essa época, com um grande auxílio da Província do Rio de Janeiro, no total de 20 contos. Para a construção da capela concorreram financeiramente de modo muito expressivo D. Mariana Moutinho França e D. Ana Rita Guerreiro Maia. Houve um movimento para que a capela da Santa Casa fosse em invocação a Santa Isabel, mas terminou prevalecendo a tradição da padroeira N. Sa da Piedade, ao lado de culto a Santa Catarina, Santa Isabel, São Vicente de Paulo e São João de Deus, conforme exprimiu Diploma já citado da Irmandade de 1917. Talvez a Santa Casa pudesse entronizar em algum lugar de suas

dependências uma imagem ou gravura de São Benedito, a devoção do santo homem padre Manoel dos Anjos, primeiro funcionário da Santa Casa como Zelador e que faleceu em meio a grandes sofrimentos de anasarca (edema generalizado; inchação por todo o corpo), os que os médicos poderiam diagnosticar melhor e que o impediram de continuar servindo seus doentes resendenses e determinaram sua remoção para melhor situação na paróquia de Vargem Grande.

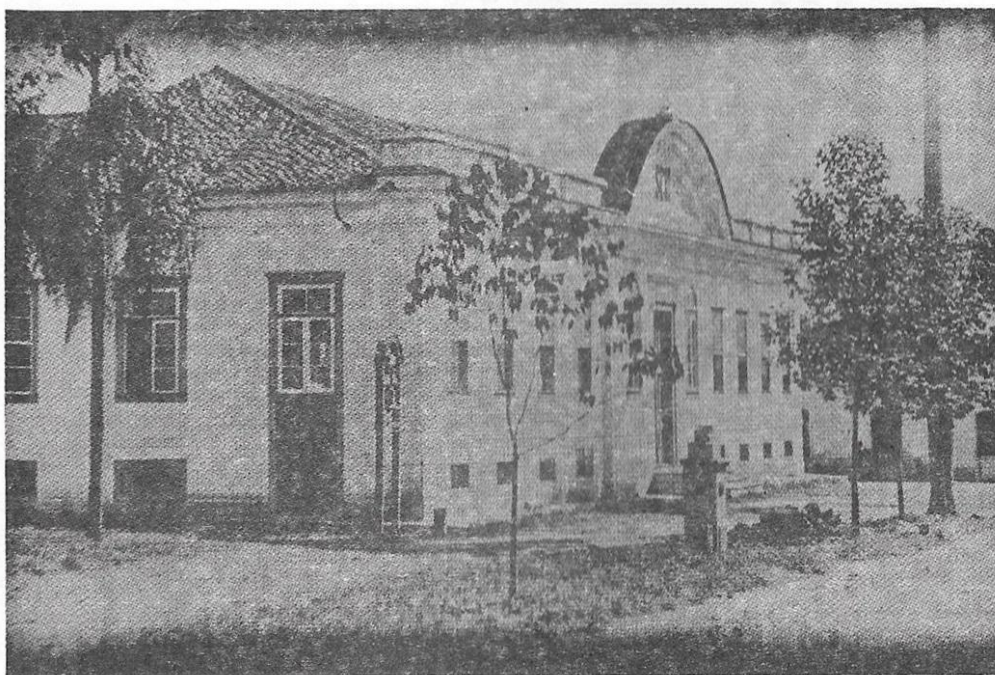
Um dos eventos mais expressivos da época da inauguração da Santa Casa foi a visita a Resende do Conde D'Eu e da Princesa Isabel, que chegaram à cidade escoltados por pelotão da Guarda Nacional ao comando do tenente-coronel e Barão do Bananal. O casal hospedou-se no Palacete dos Paula Ramos. Participaram do jantar os vereadores coronel Fabiano Barreto, Dr. João Maia, Joaquim Gomes Jardim (Provedor da Santa Casa) e o Dr. Coelho Gomes. Foi convocada a poetisa Narcisa Amália pela Princesa, desejosa de conhecê-la. O casal ilustre fez uma doação à Santa Casa e à igreja matriz.

Fato triste foi o não retorno da guerra de 40 resendenses, que tombaram em ação. Mas sobrou alegria para receber com festas os resendenses que retornaram com vida, e em especial os resendenses promovidos a tenente por atos de bravura, João Rodrigues Godoy Lobo e José Dias Carneiro.

Um evento trágico, triste, mas despercebido, foi a morte do centenário índio Vitoriano Santará, *"o último dos puris"* no feliz registro de cronista da época, em dependências da Santa Casa ainda no nº 189 da Rua do Rosário e no ano de 1862. Último dos puris, por até morrer conservar as características de seu desgraçado povo que habitava as matas e campos de Resende antes da chegada de Cunha Gago. Vitoriano Santará estava com cerca de 16 anos quando seus irmãos foram aldeados em São Luiz Beltrão, depois São Vicente Ferrer e atual Aldeia Velha, no distrito da Fumaça. Mas ele resistiu ao aldeamento junto com outros de seus irmãos de raça e conseguiu manter-se livre e com as características de seu povo. Na época foi comum a Santa Casa aliviar os sofrimentos de muitos puris desvalidos e doentes que a procuravam

Possuía cerca de 12 anos e assistiu à inauguração do atual Prédio da Santa Casa o menino Clemente Ferreira, hoje nome da praça onde se ergue a Santa Casa. Nasceu em 29 de setembro de 1857. Estudou Medicina no Rio de Janeiro. Grande autoridade brasileira e internacional no tratamento da tuberculose. Foi o idealizador e criador das famosas estações climáticas de Campos do Jordão, imortalizadas no romance, filme e novela de **TV Floradas da Serra**. Foi grande benfeitor da Santa Casa, e à Ciência e à Humanidade dedicou toda a sua vida, bem como um grande amor a Resende até falecer, em São Paulo, em 6 de agosto de 1947. No centenário de Resende, em 1901, escreveu Brinde de ausente, no Timbutibá, de 29 de setembro de 1901.

Sobre o que foi a vida em Resende nesses tempos nos dão uma muito boa idéia as historiadoras resendenses Solange Godoy e Maria Celina Whately em suas obras sobre o café citadas nas fontes. Para se saber o que foi a vida nas fazendas de café de Resende, leia-se a descrição de uma fazenda por Everaldo V. Pereira de Souza na obra de Agostinho Ramos **Pequena História de Bananal** (São Paulo, CEACH, 1978).



*A Santa Casa na época da Revolução de 1932,
quando abrigou instalações de Saúde das forças do Exército
(Foto do arquivo de Sandra Massoti de Foto Arte)*

A BENEMÉRITA E SESQUICENTENÁRIA CAMINHADA DA SANTA CASA

Segundo depoimento do último Provedor da Santa Casa (1988-1989), o dinâmico e empreendedor engenheiro Eitel Cézar Fernandes, falecido em 5 de setembro de 1989:

"Sem interrupção de um minuto sequer, a Santa Casa de Misericórdia de Resende velou pela saúde de Resende e municípios vizinhos, assistindo há mais de 150 anos todos que dela têm carecido, sem distinção de credo, cor ou fortuna."

Convivendo com a Santa Casa por mais de quatro meses e com as fontes de sua história, relacionadas ao final, para fazer a presente pesquisa de resgate de sua memória e identidade histórica, visando a demonstrar a imensa projeção social de sua atuação na grande Família Resendense, senti a preocupação focal do Provedor, da Mesa Administrativa, da Irmandade, dos seus benfeitores e descendentes, do Corpo Clínico, das Irmãs Servas de Maria e de seus funcionários, no sentido de que eu resgatasse para eles as Tradições da Santa Casa de Misericórdia de Resende. Isto para que eles pudessem doravante manter acesas e vivas as tradições que os que os antecederam construíram, embalados pela força do sentido das palavras ligadas à ação do Pio Estabelecimento no tocante à saúde do corpo e à assistência espiritual: Misericórdia, Piedade, Santa, Caridade, Filantropia (amor à Humanidade), Fraternidade, Benemerência, Altruísmo e Desprendimento que têm enformado a filosofia das 2.500 Santas Casas espalhadas pelo Brasil e que as distinguem de um simples hospital. Filosofia que tem servido de barreira ao egoísmo, à indiferença, à ganância, à insensibilidade face às dores e sofrimentos dos doentes do corpo e do espírito, e às vezes ao não cumprimento do sagrado juramento de Hipócrates no ano 400 A.C., quando refere:

"Prometo que ao exercer a arte de curar, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos de Honestidade, da Caridade e da Ciência."

Sinto ao estudar a história da Santa Casa de Misericórdia de Resende que nela predominou no Passado, e espero que continue a predominar no Presente e no Futuro, o objetivo de Confortar física e espiritualmente os resendenses que dela necessitem, pela acolhida gentil, amiga e interessada, pelo exemplo de solidariedade à dor e aflição alheias, pela cura, pela orientação segura e responsável. Por muitos anos a Santa Casa, na hora da doença, era para os que nela baixassem uma extensão de suas casas, pelo desvelo e carinho com que eram tratados na qualidade de um membro muito querido da grande e unida Família Resendense.

Na Santa Casa de Misericórdia de Resende predominam na História as boas ações de seus integrantes sobre as más. Para ambas restam as conseqüências deste pensamento que colhi num caderno do historiador Joaquim Maia:

"As boas ou más ações ficam na consciência de quem as pratica."

Por mais de 100 anos a Santa Casa cuidou quase que sozinha da saúde dos resendenses e da de pessoas de municípios vizinhos. Só isto lhe dá um grande crédito e veneração.

Só em 29 de setembro de 1938, Resende passou a contar com um moderno Posto de Saúde, dispondo de Laboratório, Farmácia, Lactário, Radiologia e da assistência dos médicos Drs. José Máximo Balieiro, Alcides Pena Firme e Nilo Gomes Jardim. Este, bisneto daquele dinâmico e empreendedor gaúcho do Vlamão, tenente Domingos Gomes Jardim, tão citado neste trabalho e que se ligou à construção da primeira estrada .lê exportação de café de Resende, a estrada do Ariró até Angra dos Reis, via de escoamento do café e outros produtos de Resende por mais de 50 anos, além da construção da 2ª ponte Resende—Campos Elísios (1836-1905).

Desde 1938 a Santa Casa, num crescendo, vai repartindo suas funções com outras entidades que vão surgindo, como o Hospital da AMAN, em 1944, e, desde 1981, o SAMER, que em sadia concorrência com a Santa Casa vem desenvolvendo a assistência médico-hospitalar em Resende, o que é muito desejável e saudável.

A Santa Casa de Resende foi violentamente atingida, por cerca de 68 anos (1870-1938), em função do empobrecimento e estagnação de Resende, decorrente do esgotamento de suas terras pelo café.

A Santa Casa, segundo o Dr. João Maia, assim mesmo passou do Império para a República com um patrimônio de 120 contos, além de seu prédio. Nos primeiros 40 anos da República a Santa Casa se descapitalizou e não tinha a quem recorrer como o fizera na época áurea do café em Resende. Nos primeiros anos da República o Provedor cônego Bulcão, recordista em permanência à frente da Santa Casa, de 1895 a 1908 (14 anos), em face da grave situação financeira da entidade, e, daí, por imposição da Mesa Administrativa, teve de cortar o auxílio de remédios da Sala do Banco destinados a indigentes. Então ele teve de pagar aqueles remédios com os seus poucos recursos. Nem um poema, Caridade, encomendado ao grande poeta Luiz Pistarini conseguiu comover os fiéis a fazerem mais donativos. Ajudou-lhe a minorar esse quadro o farmacêutico da Santa Casa Carlos Gastão Miranda, o Carlito Miranda, hoje nome da Farmácia da Santa Casa e sogro dos grandes intelectuais Itamar Bopp (historiador) e Joaquim Maia (memorialista), e pai do romancista José Carlos de Macedo Miranda. O padre Bulcão era auxiliado nessa época pelo humanitário Dr. Manoel Fernandes da Silveira.

Por volta de 1930, segundo o historiador Itamar Bopp, que foi recolhido baleado à Santa Casa, esta não pôde atendê-lo por falta de recursos para tratá-lo, inclusive de ferimento que lhe atingiu o coração, Seus 14 médicos nada podendo fazer o enviaram de trem para a Santa Casa de Lorena, para tratamento, tendo lá sido transportado da estação para a Santa Casa numa carrocinha de lixo, segundo contou em entrevista à **Revista ACIAR (abril de 1989)**.

A construção da AMAN, a partir de 1938, deu um novo alento à Santa Casa. Ela foi ajudada vigorosamente pela Comissão Construtora da AMAN, chefiada pelo general Luiz Sá Affonseca (1880-1968), paulista imortalizado em rua do bairro Julieta e considerado um grande benfeitor da Santa Casa, conforme se conclui de atas do período.

Foi construído um Centro Cirúrgico com o auxílio da AMAN, o qual, segundo o médico Dr. Nicolau Moisés, chegado em Resende e à Santa Casa em 1941, prestou muitos bons serviços por mais de 40 anos, conforme sua entrevista na **Revista ACIAR** (maio de 1989). Foi em 1939 que o Provedor Dr. Otávio Botelho instalou a Sala de Aparelhos Cirúrgicos e a Bateria de Raios X, que custaram 21 contos. Nesse ano já foi possível o atendimento pelo ambulatório de 253 casos, a Farmácia aviou 7.537 receitas e a Santa Casa tratou de 600 doentes.

Iniciou a moderna cirurgia na Santa Casa em 1940 o Dr. Taurino do Carmo, também Provedor, com auxílio da penicilina. Com o reforço do jovem médico Dr. Nicolau Moisés, já em 1943, um ano antes do início da AMAN, a Santa Casa realizou 178 altas cirurgias, 1.127 pequenas cirurgias, 787 cirurgias ambulatoriais, 26 eletrocirurgias, 64 transfusões, 82 radiografias, 306 radioscopias, tendo atendido 982 doentes, conforme o Livro de Movimento Geral da Santa Casa, 1930-1942.

A Irmã Maria Emília, com mais de 40 anos na Santa Casa, recordou-me que ao chegar, nos anos 30, a esterilização dos aparelhos médicos era feita com água quente proveniente de panela colocada numa fogueira improvisada no pátio. No novo Centro Cirúrgico Padre Manoel dos Anjos foram homenageados os seguintes médicos da Santa Casa a partir de 1940: Drs. Manoel Taurino do Carmo, Nicolau Moisés, Haroldo Rodrigues Viana, José Máximo Balieiro e Sebastião Araripe.

O Provedor Altamiro Pimenta, no sesquicentenário da Santa Casa, em artigo na **Revista ACIAR** (na 4, janeiro de 1986), permitiu-me os concluir que a Santa Casa atingira, então, o seguinte estágio: regularização da situação financeira; aumento do patrimônio; ampliação da Pediatria de 22 para 60 leitos, além de modernizada; 77.000 consultas no ambulatório; instalação de fisioterapia respiratória, oftalmologia, nebulização e curativos, banco de sangue, farmácia, pequena gráfica, nova clausura para as irmãs, nova cozinha, pequena oficina de reparos, reforma dos telhados e aquisição por compra e doação de 2 veículos automóveis. Estava em curso a Implantação do CTT, do Centro Cirúrgico, da nova Maternidade e Ambulatório, além de contratação de nutricionista e dietista. Foi iniciado o atual Pronto-Socorro. Faltavam uma bem posicionada Sala de Esterilização, solução para o lixo hospitalar e condições para o tratamento de queimados. Dispunha também de 6 apartamentos confortáveis de 1ª classe e 10 de 2ª classe. Esta foi a situação que encontrei, em janeiro de 1992, em ameaça de sucateamento por ter sido colhida pela crise da Previdência Social. O futuro é que dirá das conseqüências disto!

Altamiro Pimenta, na cruzada para a modernização da Santa Casa, elogiou os esforços neste sentido dos Provedores Cleto Rocha, Dr. Taurino do Carmo e do general Affonseca citado, como chefe da Comissão de Construção da AMAN. Altamiro diz que procurou ser fiel à filosofia da Misericórdia, da **Piedade, da Caridade, da Fraternidade e**

da Filantropia que inspirou o Povo de Resende a criá-la em 1835, através de sua Câmara, mas dentro dessa filosofia procurava **"mudar para permanecer"**, adaptando a Santa Casa às circunstâncias dos novos tempos no tocante a técnicas e procedimentos, mas sem perder de vista os seus compromissos com a **Misericórdia, Piedade, Fraternidade e Caridade** no tratamento do corpo e assistência espiritual aos doentes da Santa Casa, no caso de hoje não chamados pobres, mas os de mais baixa renda, assistidos por imposição constitucional pelo INAMPS.



*Outro ângulo da frente da Santa Casa em setembro de 1931,
conforme nº da revista Granja em comemoração ao 130º aniversário de Resende
(Foto do arquivo de Sandra Masseti, de Foto Arte)*

ORIGEM DOS RECURSOS DA SANTA CASA

A Santa Casa para poder manter-se funcionando por mais de um século na assistência dos mais pobres, conforme compromisso histórico assumido, necessitou de grandes recursos financeiros, humanos e em materiais diversos, inclusive para implantar suas centenárias instalações e conservá-las todos estes anos.

Manter o equilíbrio entre as receitas e as despesas, sem visar lucros e também impedir que o empreendimento se inviabilizasse, foi e continua sendo o grande desafio da Irmandade da Santa Casa, através do seu Provedor e da Mesa Administrativa, que devem atuar à semelhança de um Robin Hood da Misericórdia, recolhendo mais recursos dos que podem pagar para beneficiar os que não podem ou podem menos.

Desde a sua fundação os recursos da Santa Casa foram resultado de donativos, sob diversas formas, além de heranças legadas em testamento por benfeitores desejosos de verem do alto sua riqueza terrena a serviço da assistência médica e espiritual dos pobres ou desvalidos, na crença de que **"dando aos pobres estariam emprestando a Deus"**.

A Santa Casa do Rio de Janeiro possui muitos prédios recebidos por testamento de fiéis e que rendem boa soma e exigem para bem administrá-los o Mordomo dos Prédios.

A Santa Casa de Resende já possuiu no passado pelo menos três prédios, incluindo o de sua sede. Existe livro na Provedoria que registra os nomes dos benfeitores da Santa Casa de 1835 a 1921 e em número de 175, cuja lista reproduzimos mais adiante.

Outra forma de recursos são os humanos, resultantes de vários serviços prestados por membros da Irmandade, sem remuneração e por filantropia. Ao longo da História muitos médicos prestaram assistência aos doentes da Santa Casa sem remuneração ou com módica remuneração.

Por muito tempo os doentes que podiam pagar suas internações e tratamento ajudavam de certa forma a pagar o tratamento dos que não podiam. Tem sido costume nas Santas Casas a reunião em suas Irmandades de pessoas de alta expressão comunitária e que ao se aposentarem prestam o concurso de suas inteligências e alto conceito social à causa sagrada das Misericórdias. E a de Resende não tem escapado à regra. É um recurso valioso contar com cérebros privilegiados e com pessoas de elevado conceito e credibilidade para defenderem principalmente nas Mesas Administrativas, que as Santas Casas mantenham suas identidades, finalidades e sobretudo transparência em suas transações, e, mais do que isso, concorrerem para a canalização de recursos comunitários e governamentais nas crises ou dificuldades comuns a estabelecimentos dessa natureza. Assim pertencer a uma Mesa Administrativa de Santa Casa tem sido um atestado de capacidade e valor comunitário para o Mesário.

Ao final do Império, a Santa Casa possuía um patrimônio de cerca de 120 contos, dos quais 70% em apólices e 30% em prédios (um sobrado na Rua Princesa Isabel e a antiga Santa Casa à Rua do Rosário, 189). Não computado aqui o seu atual prédio. Segundo Altamiro Pimenta, esses recursos foram "**devorados pela inflação e pela crise que atingiu Resende em decorrência do esgotamento de suas terras pelo ciclo do café**".

A Província do Rio de Janeiro concorreu com vultosas quantias para a construção do atual prédio. A Câmara de Resende, que no Império abrangia os poderes Executivo e Legislativo, socorria a Santa Casa que ela criou. Em 190, a Prefeitura de Resende fornecia 3 contos por ano e o Estado 8. Outra forma foi a de promoção de festas para angariar dinheiro. Em 1901, quermesse realizada na plataforma da estação (atrás da Santa Casa) da antiga Ferrovia Resende—Bocaina rendeu 1 conto, que foi doado à Santa Casa. Em 1942, no CCRR, foi realizado baile animado pela orquestra Cassino da Urca para angariar recursos para a Sala de Cirurgia da Santa Casa. Consagraram-se como benfeitores, então, o Dr. Afênio Rocha Miranda e Lourival Marcondes Godoy, cuja esposa, D. Haydée Marcondes Godoy, acaba de destinar à Santa Casa alguns recursos recém-obtidos no espaço cultural que criou na Fazenda do Castelo. Muitos têm doado à Santa Casa, mas fazendo questão do anonimato, "**dando com a mão direita sem que a esquerda o saiba**".

Em data recente, a Construtora CBPO, que construía a estrada do aço, destinou à Santa Casa aparelhos de Raios X que eram de seu ambulatório. Quando escrevíamos estas linhas, Resende e a Santa Casa viviam a expectativa — ante a grande crise em função do problema da Previdência — de receber a expressiva verba federal de 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros, incluídas no orçamento federal para 1992, pelo deputado federal capitão Jair Bolsonaro, após incansável e louvável ação junto a ele da Dra. Maria Tereza Abrão. Se aprovada e liberada, será um desafogo para o Povo de Resende que busca expressivamente assistência médica em sua Santa Casa (**Folha Regional**, de 1º de fevereiro de 1992). Na atualidade, segundo o atual Provedor, Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva, os recursos da Santa Casa dependem em cerca de 90% dos serviços prestados ao

INAMPS. E, assim, a crise da Previdência a atingiu em cheio sem outras rendas, como por exemplo a Santa Casa do Rio de Janeiro, que auferia rendas de prédios que aluga, na exploração de cemitérios, etc. Disto resultou um déficit de cerca de 150 milhões de cruzeiros, segundo ainda o Provedor citado, em entrevista no rádio em fevereiro de 1992.



*Local onde existiu prédio em que funcionou a Santa Casa em 1835
e também onde residiu Narcisa Amália e foi sede das oficinas do jornal Timbirubá
(Foto de Sandra Masseti, de Foto Arte)*

O SALÃO DE HONRA DA SANTA CASA- RELICÁRIO E SACRÁRIO DA GRATIDÃO

Quando cadete, em 1953-1954, de tanto passar pela frente da Santa Casa em marchas, exercícios de pontagem junto à ponte do Surubi (ferroviária) e exercícios de direção de automóvel, fui atraído pelo carisma do prédio da Santa Casa, onde havia uma sala histórica cheia de retratos de barões que a haviam construído e amparado. Um dia fui até lá! E deparei com um solene salão tendo ao centro uma enorme mesa rodeada de cadeiras de espaldar de couro, solenes, e as paredes cobertas de retratos em maior número e bem mais cuidados do que encontrei agora, decorridos quase 40 anos, e sem antiga mesa e cadeiras, que cederam lugar, ao que fui informado, a um mini auditório e estantes de uma biblioteca médica. Isto em julho de 1968, para abrigar palestras do **Centro de Estudos Médicos**. Ao visitá-la na primeira vez fui informado por quem gentilmente me guiou de que aquela sala era uma espécie de relicário da gratidão da Irmandade da Santa Casa aos seus grandes beneméritos e que sobre aquela mesa fazia um século eram tomadas decisões em memoráveis reuniões da Mesa Administrativa da Santa Casa para definir seus rumos. Fui informado de que a histórica mesa e suas solenes cadeiras foram então dali retiradas e dispersas, sendo que a mesa foi enviada à Prefeitura, onde se encontra, e algumas fotos dali foram retiradas para ceder lugar às prateleiras de livros técnicos. Estavam já sem a moldura. Recolocá-las é um dever moral da Irmandade. A historiadora Solange Godoy faz alguns anos identificou, depois de mandar restaurar as que sobraram, como sendo muitas de autoria do grande pintor resendense Antonio Nunes de Paula (1886-1925). Assim, quem penetrar no Salão de

Honra vindo da capela se depara: à direita, com os retratos dos ex-Provedores e benfeitores Dr. Manoel Fernandes da Silveira (de A. N. de Paula) e José Gulhot (de Bulis); na parede esquerda, com o retrato do Visconde do Salto, Antônio Dias Carneiro, benfeitor e Provedor por seis períodos, de 1872 a 1877, e os retratos dos ex-Provedores e benfeitores Emílio Maria Colonna, cônego Miguel Calmon de Aragão, Dr. Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda (Provedor Honorário, filho do Barão do Bananal e grande benfeitor), Dr. José da Cunha Ferreira e Dr. Pedro Paulo Ramos. Na parede que faz divisa com a capela existe uma pintura grande do Barão de Ayruoca e, ao seu lado, de dois médicos servidores da Santa Casa: Dr. Custódio Luiz Miranda (1º médico de Resende e da Santa Casa) e Dr. José Pimentel Tavares. Os seguintes benfeitores fizeram jus à inauguração de retratos como gratidão da Irmandade, sem que esse compromisso fosse saldado, como foi o caso do Dr. Clemente Ferreira, compensado com o nome da praça da Santa Casa, e o do coronel Augusto César do Amorim, até hoje não entronizado. Enfim, são problemas que o historiador aponta à Irmandade por considerá-los dívidas morais a serem honradas. Desse Salão de Honra foi roubada na manhã de 29 de janeiro de 1936, depois de 35 anos ali exposta, uma valiosa relíquia confiada à Irmandade da Santa Casa e enviada por resendenses residentes em Sertãozinho, SP, próximo de Ribeirão Preto, por ocasião do centenário do vilamento de Resende, em 1901. Segundo o **Almanaque do Centenário de Resende** para 1902, a relíquia constava de **"quadro emoldurado de dourado, fundo de cetim verde e no centro um custoso e bem trabalhado cartão de ouro com dedicatória e circulado de diversos dizeres feitos de purpurina, tendo o nome dos resendenses que tiveram a iniciativa desta merecida satisfação"**.

Foram signatários os seguintes migrantes resendenses que lá prosperaram e ascenderam na Guarda Nacional local, cujos descendentes ajudaram aquela cidade paulista a ser a maior produtora de álcool do Brasil: majores Juvenal Martins e irmãos Antônio e Augusto Marques da Mota Guimarães; capitães João Pedro Júnior e Durval Cabral Medeiros; tenente Áureo Marques da Mota Guimarães; os alferes Pedro Rodrigues, Silva Moura, Plympio Martins, Luiz Arantes, Frederico Marques da Mota Guimarães, José Alves de Almeida Madeira e o resendense de coração Claudionor Martins. Roubada a relíquia, por este intermédio é compensada a memória dos que a ofertaram.

A última demonstração de gratidão, nessa sala-relicário, foi a aposição de placa de homenagem, e evocação futura, da presença das **Irmãs Servas de Maria** na Santa Casa de 1927 a 1992, trazidas pelo grande Provedor e intelectual resendense Arcílio Guimarães, patrono de uma das cadeiras da Academia Resendense de História.

Com a vinda das **Servas de Maria** para a Santa Casa, a capela lhes foi entregue por ato do bispo de Barra do Pirai, D. Guilherme Muller, em 7 de julho de 1927, na condição de capela semipública com lâmpada acesa dia e noite, com a condição de nela ser celebrada ao menos uma missa por semana (registro às fls. 45 do Livro 1 da Cúria Diocesana).

A capela da Santa Casa fora visitada pelo bispo D. João Francisco Braga em 19 de agosto, quando foi saudado pelo padre Bulcão e pelo coronel Alfredo Sodré, respectivamente Provedor e Vice-Provedor da Santa Casa. D. João era bispo de Petrópolis e pernitoou no **Solar dos Paula Ramos**, onde a população lhe encareceu a elevação do cônego Bulcão a monsenhor.

Em 1918 o Salão de Honra testemunhou angustiantes e tristes reuniões da Mesa Administrativa, e a capela foi palco de cenas dolorosas em decorrência da Gripe Espanhola, que atingiu 3.000 resendenses e vitimou 87. A Santa Casa se mobilizou toda

para prestar o melhor atendimento médico às vítimas da doença. Foi então que se destacaram no combate à epidemia, com dedicação exemplar, os Drs. Manoel Fernandes da Silveira, em Resende, e Roberto Cotrim, em Itatiaia (respectivamente, pai e marido de D. Graciema Cotrim).

Então, a Santa Casa colocou-se à disposição da prefeitura para fazer frente ao problema, conforme registrou Itamar Bopp em Resende 100 anos.

Em 1931, a Comissão Militar chefiada pelo coronel José Pessoa e integrada por 13 oficiais foi recebida no Salão de Honra da Santa Casa pelo Provedor Dr. Manoel Fernandes da Silveira. Ela visava colher dados comprobatórios da salubridade de Resende, com vistas à instalação da Academia Militar em Resende. A Comissão examinou o movimento da Santa Casa na década de 20 e constatou que nela estavam baixados 40 doentes, dos quais 22 muito idosos e passando bem, inclusive um de idade centenária. Foi quando o futuro marechal José Pessoa, muito satisfeito, usou o seguinte trocadilho e que causou muito riso:

"Pensei que aqui só encontraria micróbios e encontrei bastante macróbios."

As conclusões de salubridade de Resende obtidas com o que viram na Santa Casa foram importantes para a decisão de sediar a Academia Militar em Resende.

No ano anterior a Santa Casa havia registrado o seguinte movimento: Entradas, 332 enfermos; Altas, 245; Falecimentos, 59; Receitas aviadas, 6.241; Curativos, 4.000; Injeções, 2.824; Operações, 44; Consultas no Ambulatório, 694; Séries de injeções, 914 (contra sífilis 14). Superintendia os serviços a Irmã Peregrina, e executavam os atendimentos médicos e cirúrgicos os Drs. Manoel F. Silveira, Roberto Cotrim, Máximo Balieiro e Constante Paixão. Nesse ano iniciou a clinicar em Resende o jovem Dr. Nilo Gomes Jardim. Consta que durante a Revolução de 1932 o Salão de Honra foi transformado numa improvisada Enfermaria Ferreira do Amaral, a ser atendida por voluntárias (a Sra. do Dr. Taurino do Carmo e as jovens Ivone Brasil e Carmem Pena), e o Dr. José Máximo Balieiro auxiliou no Ambulatório Militar que foi então instalado na Santa Casa em apoio às forças legais concentradas em Resende.

Nessa ocasião morreu na Santa Casa o soldado constitucionalista Ulisses, de peritonite, após ser ferido num choque entre legais e constitucionalistas, em Santana dos Tocos. Foi sepultado no Cemitério dos Passos sob o nº 22.593, onde segundo um cronista da época ***"lá apodreceu, sem uma flor, sem uma prece, esquecido pelos que fizeram explodir a revolta..."***

A Santa Casa abrigou no Ambulatório Militar que lá funcionou com muitos feridos de guerra. Foram tratados com muita competência profissional, segundo o Dr. Alfredo Machado, professor de Anatomia que então visitou a Santa Casa e foi solenemente recebido no Salão de Honra pela Mesa Administrativa. Prestaram serviços à Ambulância Militar instalada na Santa Casa os escoteiros números 20, 26, 30, 10 e 92 do Grupo Escolar Dr. João Maia,

A Mesa Administrativa prestou suas homenagens nas despedidas do Ambulatório Militar (que foi se instalar na fronteira com São Paulo), no que foi retribuída, pelos marcantes serviços prestados no atendimento de feridos legais e revoltosos. Ele foi substituído pela Ambulância Mista, que se instalou na Santa Casa até deslocar-se para o Hospital de Convalescentes, em Itatiaia. A Ambulância Mista era integrada pelo major-médico Dr. Mário Castro Pinto, capitães-médicos Ernesto de Oliveira e Artur Alcântara,

radiologistas capitães-médicos Drs. Pedro Joaquim e Luiz Andrade, farmacêuticos tenentes Andrade Neto e Povoas, 4 enfermeiros e 12 padioleiros, além de 3 ambulâncias-automóveis.

A Santa Casa nessa revolução foi palco de muitos acontecimentos tristes. Nela morreu o soldado legalista Otávio Reis da Silva, do 3º Batalhão de Caçadores, atingido por uma rajada de metralhadora paulista. Foi sepultado na cova nº 22.586, após crescido e concorrido cortejo fúnebre. Na capela da Santa Casa foi velado em câmara-ardente o capitão Cicero Augusto de Goes Monteiro, morto em ação no setor de Silveiras. Estava com 30 anos e era irmão do general Goes Monteiro. Esteve preso na Santa Casa, após ser capturado ferido, o médico revolucionário Dr. Almeida. Foi cercado de todas as atenções por seus companheiros legalistas, e inclusive teve a cidade de Resende por menagem (**prisão fora do cárcere**), desde que acompanhado por um médico.

Ao deslocar-se da Santa Casa, a Ambulância Militar Mista prestou homenagem à instituição, em reunião de sua Mesa Administrativa. Na primeira oportunidade, agradeceu às improvisadas enfermeiras — senhoritas Maria Dinorah Freire (professora Mariúcha), Dulce Chaves, Marieta Cunha Sales e Benilda Carvalho — no seguinte telegrama:

"Tendo esta Ambulância Militar de se deslocar da Santa Casa de Resende para a cidade de Cruzeiro, cumpro, com a maior satisfação, o dever de agradecer-vos os reais serviços de enfermagem prestados aos nossos feridos e doentes. O carinho, a bondade e a dedicação — atributos que tanto exaltam a mulher brasileira — foram fartamente demonstrados por vossas excelências aos que sofriam as torturantes consequências desta luta inglória, mitigando-lhes a dor e confortando-os na desgraça... Ass. Major Dr. José Valente Ribeiro"

Em 1933, em reunião realizada na capela da Santa Casa, padre Henriberto fundou a Devoção a São José. Em 25 de julho de 1935, a Mesa Administrativa se reuniu no Salão de Honra, após convocada pelo Provedor Dr. Otávio Botelho, para comemorar o centenário de sua criação, tendo sido orador o ex-Provedor Arcílio Guimarães, que evocou a memória do ex-Provedor, padre José Marques da Mota, e de seus sucessores. Foi expressiva a presença da comunidade. Nesse ano faleceu na Santa Casa, aos 130 anos, o ex-escravo José Lourenço, vulgo "Macdam", morador em Resende desde 1825 e tipo popular muito querido que ainda lembrava e contava histórias do "São Benedito" resendense, o padre Manoel dos Anjos, preto como ele, segundo dizia com orgulho."

Nesse mesmo ano a Mesa Administrativa foi convocada para assistir à instalação do Posto de Profilaxia da Febre Amarela, sob a responsabilidade, entre outros, do Dr. Nilo Gomes Jardim. Nesse ano do centenário a Santa Casa teve o seguinte movimento: Doentes internados, 324; Curados, 246; Falecidos, 44. O Ambulatório atendeu 499 consultas, fez 4.089 curativos, e foram realizadas 74 intervenções cirúrgicas. A Farmácia aviou 2.540 receitas e o orçamento para o ano seguinte foi de 85 contos. Foi ainda em 1935 que um grupo bastante ligado à causa da Santa Casa criou a Associação de Proteção à Criança e, com ela, o lactário de Resende. Foi seu idealizador o Dr. Arcílio Guimarães. O lactário foi instalado em apartamento cedido graciosamente por D. Maria Pimenta Borges. Sua direção clínica ficou a cargo do Dr. Nilo Gomes Jardim e foi sustentado por 150 contribuintes. D. Maria Pimenta Borges veio a falecer em 1945, sendo uma grande benfeitora da Santa Casa no seu duplo aspecto de Oratório e Laboratório. Em 1947 a Santa Casa passou a contar com o concurso, como seu capelão, do santo homem monsenhor José Sandrup (1871-1951), sendo o seu lema ***"Doutrinar pelo amor de Deus e ao próximo."*** Seu retrato estava em dezembro de 1991 entronizado na

Clavisura. Ele elevou bem alto o compromisso da Santa Casa de prestar assistência espiritual aos doentes, e em especial aos pobres. Nessa época a Santa Casa foi oratório e laboratório, no sentido de cuidar da alma e do corpo de seus doentes. Ele fez com que a Mesa Administrativa cumprisse compromisso moral assumido ao falecer João Gomes de Freitas, em 1868. Ou seja, de deixar à Santa Casa 100 contos em ouro, com a condição de ela todos os anos, com parte da renda daquela quantia, mandar celebrar, com grande pompa, os atos da Semana Santa, dando continuidade a uma tradição iniciada em 1864, quando a Procissão do Senhor Morto foi acompanhada pelo povo em número de 2.000, por três bandas e com duração de 2 horas.

Em junho de 1968 o tradicional Salão de Reuniões da Mesa Administrativa (Salão de Honra e Sacrário da Gratidão e da Benemerência da Santa Casa) deu lugar a um mini auditório e biblioteca médica. A mesa histórica foi destinada à Prefeitura, suas solenes e seculares cadeiras foram dispersas e algumas fotos e pinturas tiveram que ser retiradas. Acabava-se assim com uma tradição de 99 anos. E restaurá-la parece ao historiador um compromisso moral da Irmandade, através de sua Mesa Administrativa. O que diferencia a Santa Casa de um Hospital Geral é a sua tríplice condição de Relicário da Gratidão e da Benemerência (traduzida pelo seu Salão de Honra, principalmente), de Oratório (traduzida por sua capela à disposição dos doentes para o fim de assistência espiritual) e de Laboratório (um hospital voltado para o tratamento preferencial dos pobres, misericordioso, caridoso e templo da Piedade).

COMO REFLEXÃO

A tradição que a Santa Casa de Resende construiu e já acumulou, a que referi no início, não é algo estagnado, superado, sem futuro ou anacrônico. É coisa bem diversa, gloriosa, santificada, cheia de vida e espírito, e ardente. É a tradição católica apostólica romana de sua Irmandade, ora sensível ao ecumenismo. É a sua tradição de 157 anos de amparo à saúde física e espiritual dos doentes que a procuraram, em especial à dos mais carentes. É a tradição acumulada por sua Irmandade, que tem sido integrada por milhares de irmãos de todas as classes sociais, sensíveis às idéias e práticas da Misericórdia, da Piedade, da Fraternidade e do amor ao próximo e à Humanidade, e que assim procedendo deram resposta positiva à afirmação do grande poeta português Fernando Pessoa: ***"Tudo vale a pena quando a alma não é pequena."***

É a tradição da Santa Casa de bem servir o Povo de Resende que a criou — e da melhor maneira possível, há 157 anos, sem falhar um só dia, à semelhança de um anjo da guarda do povo pobre de Resende e imediações. É a tradição do Corpo Clínico da Santa Casa de nela bem cumprir o juramento de Hipócrates, no tocante à arte de curar.

A Santa Casa é um hospital mantido por uma Irmandade e que tem como compromisso histórico e cristão bem assistir à saúde e ao espírito de seus doentes, preferencialmente dos pobres, e manter acesa e viva a chama da gratidão aos que concorreram para o cumprimento de suas finalidades desde a sua fundação, além de orar pelos que trabalharam e trabalham nela, e ser, fundamentalmente, a procuradora dos doentes pobres ou carentes de Resende, função que delega à sua Mesa Administrativa e principalmente ao Provedor. Recordemos o sentido de alguns termos ligados à Santa Casa de Misericórdia de Resende e à sua padroeira:

Santa Casa: casa bondosa, virtuosa, que vive na lei de Deus, venerável.

Misericórdia: compaixão pela miséria alheia. Instituição onde se pratica, por compromisso assumido perante Deus e os homens, a Piedade e a Caridade.

Piedade: compaixão, dó, pena pelo próximo sofredor. É eloquente neste aspecto a imagem de N. S da Piedade, a padroeira da Santa Casa, tendo ao colo seu filho Jesus Cristo, após o martírio de que foi vítima.

Caridade: benevolência, compaixão, beneficência...

Irmandade: no caso da Santa Casa, confraria religiosa com o fim de prestar assistência espiritual, médica e hospitalar aos doentes que a ela recorrem, e de preferência aos mais carentes.

A Irmandade e a Santa Casa como hospital são coisas distintas. A Santa Casa é subordinada à Irmandade, que a mantém bem, como a todos os que nela trabalham Este foi e é o sentido da fundação e obra da rainha D. Leonor de Lencastre. O Provedor e a Mesa são delegados da Irmandade.

OS PROVEDORES DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE RESENDE

Os Provedores das Santas Casas — dentro da filosofia criada pela rainha de Portugal D. Leonor de Lencastre, em 1498, ao fundar a la Santa Casa — são as figuras centrais da administração de uma Santa Casa. São eles que dão o ritmo dos trabalhos. São os catalisadores dos recursos comunitários a ela alocados. Ser eleito Provedor de uma Santa Casa equivale a uma alta distinção comunitária, uma espécie de grã-cruz da Ordem da Misericórdia e da Caridade, que existe na memória comunitária, mas não oficializada. Tornou-se célebre no Brasil, e uma espécie de padrão como Provedor, Clemente Pereira, que foi Provedor da Santa Casa do Rio de Janeiro de 1838 a 1854 e que é estudado por Dahas Zarur na obra **Vidas Preciosas** (Rio de Janeiro, Binus A. G., 1986, p. 129-134).

Chama-se realmente José Clemente Pereira e fora presidente do Senado e da Câmara, bem como líder do movimento que culminara com o Fico, além de exercer diversas vezes funções de ministro de Estado e de presidente de províncias. Dizia-se o procurador dos pobres. Em momentos graves da vida da Santa Casa, saiu à rua à frente da Irmandade buscando óbulo para a continuação da obra de Misericórdia e Caridade. Seu programa de ação anunciado e cumprido foi, segundo o historiador Vieira Fazenda:

"Aumentar a receita, diminuir a despesa, remover o cemitério de junto do hospital, colocar água nos 3 estabelecimentos a cargo da Santa Casa, lançar a pedra fundamental da atual Santa Casa e da destinada a alienados, melhorara Casa dos Expostos e de Recolhimento de Órfãos e remodelar os regulamentos dos 3 estabelecimentos."

*** Foi como ministro da Guerra que deu carta branca a Caxias para pacificar Minas e São Paulo em 1842.**

Recebeu grande apoio da Família Imperial e esmolas de amigos ao estender a sacola a eles. E do povo, então, nem se fala, dada a credibilidade que conquistou.

Pela Provedoria da Santa Casa de Resende têm passado personalidades da maior expressão e valor comunitário, merecedoras da confiança, respeito, acatamento, apreço e credibilidade comunitária, como capazes de conciliar os interesses dos médicos com os dos doentes, e o atendimento dos doentes pobres, ou mais carentes, com o dos doentes que podem pagar, e a assistência espiritual com a assistência médica dos doentes, além

de harmonizar o Pio Estabelecimento em sua tríplice função de Relicário ou Sacrário da Gratidão e da Benemerência, Oratório e Laboratório, onde seu Corpo Clínico pratique e desenvolva a arte de curar, fiel ao juramento de Hipócrates, com a singularidade de dar um tratamento misericordioso, caridoso e piedoso para os doentes mais carentes.

Pelo art. 52 da Lei Orgânica da Santa Casa de Misericórdia de Resende de 1956, em vigor e registrada no Cartório do 1º Ofício, é previsto o seguinte:

"O Provedor é o chefe da instituição, competindo-lhe a presidência de todas as sessões da Mesa Administrativa. Deve ser homem de autoridade, prudência, virtude, reputação e de idade nunca menor de 30 anos. Deve servir de exemplo a toda a Irmandade pelo zelo, cuidado, diligência e interesse que mostre em todos os atos em prol do Pio Estabelecimento."

O Provedor é o elo entre a Irmandade e o Hospital que ela mantém, que não devem se confundir, bem como entre os empregados da Irmandade.

Pela Provedoria passaram nomes da maior expressão na História de Resende, cuja lista reproduzimos com a maior fidelidade que nos foi possível, após trabalhosa pesquisa nas mais variadas fontes históricas:

- Padre José Marques da Mota (mineiro de Tiradentes), 1835-1836.
- Dr. Antônio de Paula Ramos (mineiro), 1837-1838.
- Antônio da Rocha Miranda e Silva (português), 1839-1840.
- Dr. Bernardo Augusto N. de Azambuja (carioca), 1841-1842.
- Coronel da Guarda Nacional Fabiano Pereira Barreto (resendense), 1843-1847.
- João Damasceno Costa (mineiro), 1848-1849.
- João Lourenço Dias Guimarães (português), 1850-1851.
- Padre Joaquim Pereira Escobar (gaúcho), 1852-1853.
- Comendador Joaquim José Martins (português), 1854-1855.
- Padre José Marques da Mota (mineiro, 2ª vez), 1856-1857.
- Cônego José Júlio de Araújo Viana (mineiro), 1858-1859.
- Dr. José Pereira de Araújo Neves (fluminense), 1860-1861.
- Barão do Amparo, Manoel Gomes de Carvalho.(português), 1862-1863.
- Manoel Rodrigues Pereira Melo (?), 1864-1865.
- Dr. Pedro Ramos da Silva (?), 1866-1867.
- Vicente Francisco de Araújo (português), 1868.
- Comendador Joaquim Gomes Jardim (resendense), 1869-1871.

-Visconde do Salto, Antônio José Dias Carneiro (itatiaiense), 1872-1877. (Foi Provedor por 6 anos.)

-Dr. José Domingos dos Santos (resendense), 1878-1879.

-Dr. Alfredo Thomaz Whately (resendense), 1880-1881.

-Major da Guarda Nacional Antônio Pereira Leite e Silva (resendense), 1882-1883.

-Manoel Conrado Teixeira (português), 1884-1885.

-Dr. Antônio de Paula Ramos (mineiro, 2ª vez), 1886-1889.

Na República

-Dr. José da Cunha Ferreira (paulista), 1890-1891.

-Dr. Licínio Chaves Barcelos (gaúcho), 1891-1892.

- Emílio Colonna (?), 1893-1894.

-Cónego Miguel Calmon de Aragão Bulcão (baiano), 1895-1908. "(Foi o Provedor que mais tempo permaneceu no cargo: 14 anos.)

-Dr. José da Cunha Ferreira (paulista, 2ª vez), 1909-1912.

-João M. França (?), 1913-1920. -José Gulhot (italiano), 1921-1926.

-Dr. Arcílio de Oliveira Guimarães (resendense), 1927-1929.

-Dr. Manoel Fernandes da Silveira (sergipano), 1930-1932.

-Dr. Otávio Oliveira Botelho (resendense), 1933-1938 (Foi o Provedor do Centenário da Santa Casa.)

-Dr. Roberto Freitas Lima (?), 1939-1940.

Dr. Manoel Taurino do Carmo (alagoano), 1941-1950.

Dr. Luiz Cleto Rocha (resendense), 1951-1956.

- Benedito Ramos de Souza (resendense), 1957-1962. Engenheiro agrônomo

- Arão Soares da Rocha (resendense), 1963-1966.

Dr. Lucas Neves Cordeiro (resendense), 1967-1974

.-Victor Menandro Barbosa (resendense), 1973. - Ismar Pineschi (resendense), 1974-1975.

- Hugo de Araujo Guedes (?), 1976-1978.

OS QUATRO ÚLTIMOS PROVEDORIAS

Ligado a Resende desde 1977, como instrutor de História Militar das Agulhas Negras, acompanhei de certa forma a atuação dos 4 últimos Provedores e a benemérita ação que empreenderam, com continuidade administrativa para a modernização da Santa Casa, dotada nesse período de moderna Maternidade, Pediatria, Centro Cirúrgico, UTI de Hospital Geral, moderno Pronto-Socorro, Laboratório 24 horas e Farmácia para atendê-la em sua demanda. Enfim, na implantação de uma Santa Casa digna do Povo de Resende e que ombreia em sadia concorrência com o SAMER, inaugurado em 25 de junho de 1981.

Iskandar Hanna Arbache. Provedor de 1979 a 1981. Natural de Yabroud, Síria, onde nasceu em 13 de abril de 1939. Filho de Hanna Iskandar Harbache e de Munira Aiex Arbache. Chegou ao Brasil com 13 anos. Empresário comercial em Resende e Miami, EUA. Vereador de 1983 a 1989 e presidente da Câmara de 1987 a 1989, do Rotary Clube de Resende, da Guarda Mirim e da Escola Sagrado Coração, e vice-presidente do Patronato. Integra a Mesa Administrativa da Santa Casa há 20 anos e é o Vice-Provedor. Atuou na modernização da Santa Casa para a implantação do CTT, do Centro Cirúrgico, na melhoria da cozinha, da Pediatria e dos quartos particulares.

Altamiro Pimenta (1925-1988). Provedor de 1982 a 1987. Resendense, filho de Hipólito e de Benedita Pimenta. Foi o Provedor do sesquicentenário da Santa Casa, tendo produzido trabalho histórico a respeito na **Revista ACIAR**, Autodidata, foi funcionário do Banco do Brasil, tendo chefiado a Carteira Agrícola da agência local, onde serviu em grande parte de sua carreira como bancário. Intelectual de raros méritos, idealizou a **Casa de Cultura Macedo Miranda**, presidiu o Conselho Municipal de Cultura e preservou em sua casa parte do acervo do MAM de Resende até este reabrir. Venceu 3 concursos literários na **Tribuna da Imprensa**. É autor de peças teatrais inéditas e colaborou no Suplemento Cultural de **A Lira**, de 1978 a 1980. Faleceu em 23 de dezembro de 1988, tendo sido focalizado na **Revista ACIAR**, nº 8, de setembro de 1988, e nela depôs sobre sua administração na Santa Casa e sobre a filosofia que rege as Santas Casas, por ele chamadas de Misericórdias, subsídio que deveria ser leitura de cabeceira das futuras administrações da Santa Casa de Resende. É patrono de cadeira da Academia Resendense de História, por nós fundada e presidida em 28 de março de 1992.

Engenheiro Eitel Cézar Fernandes (1918-1990). Provedor de 1988 a 1990. Resendense, filho de Saint Clair C. Fernandes e de Maria Augusta Sampaio Fernandes. Nasceu em 15 de fevereiro de 1918 e faleceu em 28 de dezembro de 1988. Engenheiro pela UFMG. Foi superintendente das obras da Usina do Funil e da Regional da **CEL7**. Foi presidente da Câmara, do Rotary Clube de Resende e do CCRR. Foi agraciado com a comenda Simão da Cunha Gago. Realizou administração atuante na Santa Casa. Marca sua administração a construção do Pronto-Socorro, inaugurado em 20 de maio de 1990. Foi o Vice-Provedor de Altamiro Pimenta. É patrono de cadeira da Academia Resendense de História, tendo escrito na **Revista ACIAR** sobre a história do futebol em Resende.

Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva. Provedor para o triênio 1991-1993. Resendense, nascido em 10 de outubro de 1934, filho de Hermílio de Oliveira e Silva e de Maria Fontanini de Oliveira. Cardiologista, cursou a Faculdade Fluminense. Formou-se em 1961 e deste então está em estreito contato com a Santa Casa como seu médico há mais de 30 anos. Vereador de 1963 a 1968 e presidente da Câmara em 1963. Sócio-fundador do SAMER e ex-presidente do Centro de Estudos Médicos de Resende. Foi diretor clínico da Santa Casa de 1980 a 1984 e desde 1982 integra a sua Mesa Administrativa, tendo sido em 1990 o Provedor interino, por falecimento do Provedor Eitel Fernandes. Está

administrando a Santa Casa no período mais crítico da mesma, coincidente com a grande crise da Previdência Social que atingiu gravemente toda a rede hospitalar do Brasil dependente do INAMPS, como é o caso da Santa Casa, que dele recebe cerca de 90% de seus recursos.

A maior recompensa para o atual Provedor seria o dia em que duas ou mais chapas disputassem a administração da Santa Casa, instituição que há 157 zela pela saúde do Povo de Resende, que a criou.



*Prédio do nº 189 da Rua do Rosário onde funcionou a Santa Casa por mais de 30 anos, até se transferir para o seu terceiro e atual prédio
(Foto de Sandra Masseti, de Foto Arte)*

O RECORDISTA E O DECANO DOS PROVEDORES

Cónego Miguel Calmon de Aragão Bulcão (1854-1922). Bateu o recorde como Provedor da Santa Casa. Exerceu a função por 14 anos, de 1895 a 1908. Nasceu em Cachoeira, Bahia. Descendia de titulares do Império. Foi um dos melhores alunos do Seminário da Bahia, tendo obtido menção **Ótima** em diversas matérias. Chegou a Resende em 1891, onde teve grande atuação, tendo criado a **Irmandade da Conceição**, destinada à assistência de mulheres idosas. Na Bahia havia sido deputado provincial. Em Resende destacou-se também como jornalista e tribuno durante os 31 anos em que aqui viveu. Segundo Itamar Bopp, "**padre nenhum o excedeu na humildade, na doçura do sacerdócio. Sua casa, sua bolsa e a sua mesa humilde abrigavam carinhosamente os acossados pelo infortúnio, mendigos maltrapilhos, e a todos agasalhava com a mesma bondade.**"

Sua vida e obra são tratadas pelo citado historiador em **Notas Genealógicas — Quatro Personagens de Resende**, pesquisa que concluiu, no caso em tela, com nossa colaboração, na qualidade de diretor do Arquivo Histórico do Exército. O cónego Bulcão foi consagrado em nome de rua de Resende, desde 15 de maio de 1923.

Engenheiro agrônomo Arão Soares da Rocha, É o mais antigo dos Provedores vivos. Em sua gestão realizou profundas reformas no secular Casarão da Misericórdia da Praça Dr. Clemente Ferreira. Nasceu em Resende, em 26 de julho de 1910, filho de João Soares da Rocha e de D. Rita Maria da Rocha. Presidiu a Cooperativa Agropecuária e a Associação Rural de Resende. Foi prefeito duas vezes, de 1967 a 1971 e de 1973 a 1977. **A Revista ACIAR** (nº 5, de junho de 1987) publica entrevista sua a ela prestada. É membro honorário da **Academia Resendense de História**, por nós criada e presidida em 28 de março de 1992. Os Provedores têm a sagrada missão de serem os procuradores dos doentes de Resende.

AS MESAS ADMINISTRATIVAS DE 1835, 1869, 1901, 1935, 1948, 1985 E A ATUAL

Sendo impraticável, por ausência de documentação e mesmo de espaço, a publicação de todas as Mesas Administrativas, fixaremos com os elementos possíveis as de 1835 (fundação da Santa Casa), a de 1869 (inauguração do atual edifício), a de 1901 (centenário do vilamento de Resende), a de 1935 (centenário da Santa Casa), a de 1948 (centenário da cidade de Resende), a de 1985 (sesquicentenário da Santa Casa) e a atual Mesa, em 1992,

A Mesa Administrativa de 1835. Ela tomou posse em 15 de agosto de 1835, por ato da Câmara Municipal e com a seguinte constituição, segundo documento existente na Provedoria:

Provedor: Padre José Marques da Mota

Escrivão: Antônio Pinto de Barros

Tesoureiro: Antônio Martins Pinheiro

Procurador: Vicente Francisco de Araújo

Mordomos e Mordomas

Da Capela: Marciano Joaquim de Almeida. **Dos Enjeitados** (expostos): José da Silva Lisboa. **Das Enjeitadas** (expostas): Dama Ana Custódia da Conceição **Da Botica** (Farmácia): Antônio Rocha Miranda e Silva **Dos Presos:** João Monteiro de Brito **Enfermeiro-Mor:** Francisco de Paula Menezes **Enfermeira-Mor.** Mariana Gertrudes da Conceição. Das Recolhidas à Casa: José da Silva Salgado

Comprador de Víveres: Severiano Antônio Pinto

Promotor da Mesa: José Francisco da Silva

Das Cartas à Corte e Províncias: Felisissimo José Braga

Mordomas: Dama Mariana Fortes (as outras duas não foram nomeadas)

Ajudantes Coajutoras

As Irmãs da Irmandade da Santa Casa: Margarida, Antônia Fernandes, Maria Angélica, Marcelina Cordeiro, Antônia de Souza e Ana Delfina dos Reis

Zelador:*Padre Manoel Serafim dos Anjos*

Não foram previstos mordomos dos **Cemitérios** e dos **Alienados** como nas Santas Casas do Rio de Janeiro e Porto Alegre, nas quais se inspirou. Os enjeitados ou expostos eram crianças abandonadas ao nascer e criadas pela Irmandade.

A palavra **mordomo**, significa nas Santas Casas o administrador de bens, negócios, interesses e responsabilidades das respectivas Irmandades. O nobre termo hoje é pouco usado na Santa Casa de Resende. Ele traz o carisma social e religioso vinculado também à palavra Provedor. É um título flexível, de livre criação da Irmandade, como, por exemplo, **Mordomo da Assistência Religiosa**, **Mordomo do Tombo** (encarregado da preservação da memória da Santa Casa), **Mordomo da Cultura** (encarregado de desenvolver atividades culturais numa Santa Casa), **Mordomo da Imprensa** (encarregado de ser o porta-voz da Irmandade junto à imprensa), e assim por diante. A maioria das Santas Casas preserva com muito carinho esse título honorífico para alguns dos mesários com funções específicas.

A MESA ADMINISTRATIVA DE 1869

Provedor: Comendador Joaquim Gomes Jardim. **Vice:** Manoel Conrado Teixeira
Escrivão: Manoel Rodrigues Pereira Melo

10 Mordomos

José Joaquim de Carvalho Mota, Antônio José Maria de Miranda, Joaquim Jácome de Oliveira Campos (**pai de Narcisa Amália**), Pacífico Américo de Siqueira, Manoel Gonçalves Viana, Bernardo de Sá Macedo Dias de Carvalho, Francisco Deodoro da Silva, José Antônio dos Santos Fluminense, Dr. Joaquim de Azevedo Carneiro Maia e João Batista Brasil.

O escrivão Manoel Rodrigues Pereira Melo prestou relevantes serviços à Santa Casa, como escrivão, por 19 anos.

O Provedor Joaquim Gomes Jardim (1810-1890) era resendense, filho dos gaúchos Domingos Gomes Jardim e Inácia Antônia Escobar. Era irmão de David Gomes Jardim, resendense que integrou a Guarda do Imperador e o assistiu dar o brado de Independência às margens do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822. Era pai do Voluntário da Pátria Paulino Gomes Jardim, que levou para a Guerra do Paraguai bandeira feita por damas resendenses.

O Comendador Joaquim Gomes Jardim teve ação destacada na mobilização de resendenses para a Guerra do Paraguai como presidente da Câmara, tendo recebido a comenda da Ordem da Rosa. Sua atuação comunitária foi marcante.

A Mesa Administrativa do Centenário do Vilamento de Resente

Foi impossível obter-se a relação da Mesa, e sim apenas o nome do Provedor e do Vice-Provedor, respectivamente o cônego Bulcão e o jornalista coronel Alfredo Sodré. Data desse ano de 1901, por iniciativa do cônego Bulcão, a fundação defronte à Santa Casa da Escola Paroquial Sagrado Coração. Em 2 de junho de 1903, também por iniciativa do cônego Bulcão foram exumados 85 restos mortais da Catacumba do Outeiro dos Passos, onde, de 1839 a 1884, haviam sido sepultados 85 corpos de crianças e adultos. Foram trasladados para cova comum à direita da entrada do cemitério. Os corpos estavam mumificados e as vestes dos mesmos bastante conservadas, por terem sido

protegidas do ar e da umidade. Era um processo que fora introduzido pelo padre gaúcho Joaquim Pereira Escobar, que usou em Resende esse sistema.

A Mesa Administrativa do Centenário da Santa Casa, em 1935

Foi impossível obter-se a lista de todos os Mordomos ou Mesários. E tão somente o nome do Provedor, Dr. Otávio Botelho, e do Escrivão, Savio Silveira, e, ao que parece, Arcílio Guimarães exercia alguma função na Mesa.

Mesa Administrativa, do Centenário da Cidade de Resende, em 1948

Provedor: Dr. Manoel Taurino do Carmo

Vice-Provedor: Osvaldo Rocha Camões

Secretário: Alcindo Fonseca

Tesoureira: Dila Fonseca

Conselho Fiscal

Dr. Roberto Bernardes Cotrim, Ccoronel Alfredo Sodré, João Soares da Rocha, João Barbosa Lima e Antônio Baptista Lopes.

Mordomos

Aristides F. da Costa, Antônio Duizet, Amadeu Oliveira Guimarães, Olímpio B. Campos, Antônio Lobo Júnior, Dr. Haroldo Viana Rodrigues, Francisco Lopes de Oliveira, Delfim Maria Gonçalves, José Sarquis, Edmundo Marinho da Silva, Dr. Nicolau Moisés e Alexandre Pustilnik.

A Mesa Administrativa do sesquicentenário da Santa Casa, em 1985

Provedor: Altamiro Pimenta

1º Vice: Engenheiro Eitel César Fernandes

2º Vice: Iskandar Hanna Harbache

1º Secretário: José Sarquis

2º Secretário: João Alberto A. Stagi

Mesários ou Mordomos

Dr. João Vilela Alves Leandro, Dr. Haroldo Viana Rodrigues, Rubem Balieiro Diniz, Antônio Lorenço de Almeida, Hugo A. Guedes, Dr. Nicolau Moisés, engenheiro agrônomo Arão Soares da Rocha, Natanael Soares da Rocha, Carlos S. Vilas Boas, Telmo de C. Nicolini, Munir Tufik Simão e Raxide José Abbud.

Mesários ou Mordomos Suplentes

Waldir Neves Guimarães, Jaime Resende, Agila L. Sobral, Manoel T. Ramos, Jorge Tufik Simão, coronel Alceu Vilela Paiva, Contimentrino M. dos Santos, Délio V. Rodrigues, Delfim Fernandes, Edi N. de S. Balieiro e João Bosco de Azevedo.

Conselheiros Fiscais

Fernando da C. Ribeiro, Fúlvio A, Stagi, Sílvio R. Pimentel.

Suplentes Conselheiros

Sebastião Cardoso, Hipólito Fontela e José Amaral de Matos.

A Mesa Administrativa Atual, em 1992

Eleita para o triénio 1991-1993.

Provedor: Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva **Vice:** Iskandar Hanna Harbache **2º Vice:** Dr. Renato Filgueiras de Castro. **Secretário:** João Gomes Jardim **2º Secretário:** Sílvio Costa

Mesários ou Mordomos

Engenheiro Francisco Fortes Filho, Luiz Geraldo Paiva Whately, Dr. Wilkie Wilson Marques, Dr. Elias Dable Neto, Jorge Tufik Simão, Munir Simão, Waldir Guimarães, Alcir Paiva, Coronel Alceu Vilela Paiva, Dr. Rubem Balieiro Diniz, Dr. Lenilson G, de Souza, Dr. Rui Saldanha.

Suplentes de Mesários ou Mordomos

Solange Godoy, George Godoy, Marcos Halpern, Carlos S. Vilas Boas, Dr. Haroldo Viana Rodrigues, Jaci Maciel da Costa, Telmo Nicolini, Fernando Aurélio Costa Ribeiro, Dr. Eduardo Meohas, Mauricio Tavares, coronel Osvaldo Ferretti da Costa e Heloísa Alves Leandro.

Conselho Fiscal

Nelson Carvalho, Altair Vilela Paiva e Dr. Ercílio Galhardo.

Suplentes do Conselho Fiscal

Hostílio Souza Júnior, Paulo Pena e Dr. Afonso Maria Abrão.

A esta Mesa caberá a histórica responsabilidade de equacionar a grave crise financeira da Santa Casa, em função da problemática que atingiu a Previdência Social em 1991 e que ainda persiste em 1992, sem uma perspectiva de solução. Sobre esta Mesa repousam todas as esperanças do povo mais pobre de Resende, de que a Santa Casa de Misericórdia continue firme e altaneira em sua sagrada e gloriosa cruzada que já dura 157 anos, e fiel à filosofia da Câmara de Resende que a criou em 1835, quando reunia em si os poderes Legislativo e Executivo, separados pela Proclamação da República.

Esperamos que a Mesa Administrativa retome a tradição do nome mordomo que ela substituiu após mais de um século em vigor na Santa Casa de Resende. Ele é uima tradição nas Santas Casas, como o nome Provedor. Ele tem conotação muito sugestiva e equivale também, de certa forma, a um título honroso para quem o ostente numa comunidade.

OS BENFEITORES DA SANTA CASA DE RESENDE

De 1836 a 1921 estão registrados em livro próprio da Provedoria, em 52 folhas, os nomes dos benfeitores da Santa Casa, em número de 175. Foi uma feliz iniciativa do Provedor Dr. José da Cunha Ferreira, em 1911, e que lamentavelmente foi interrompida em 1921. Esses benfeitores ali figuram como beneméritos, por haverem prestado à Santa Casa relevantes serviços, ou terem-na sustentado com donativos expressivos, sob as formas de dinheiro, apólices, terrenos, prédios dados em vida ou em testamento.

Alguns tiveram seus retratos entronizados no Salão Nobre, ou **Relicário e Sacrário da Gratidão e da Benemerência do Pio Estabelecimento**. Alguns fizeram jus a essa honraria, ainda não concretizada, como no caso do Dr. Clemente Ferreira, resendense e grande fisiologista que é nome da praça onde se situa a Santa Casa, e no caso do coronel Augusto César de Amorim, até hoje não concretizada. Ou, então, o título de **Provedor Honorário**, junto com retrato, como seria o caso do Dr. Rodolfo Nogueira Rocha Miranda, filho do Barão e Baronesa do Bananal e neto do vereador Luiz Antônio da Rocha Miranda, o primeiro Mordomo da Botica, em 1835, e mais tarde Provedor. É um documento precioso de uma época em que a Santa Casa era quase que exclusivamente sustentada com doações, que segundo Altamiro Pimenta representavam cerca de 47% da Receita da Santa Casa, que era complementada com subvenções da Província e da Câmara de Resende (**Revista ACIAR**, dezembro de 1985).

A lista constante do livro onde ficaram registradas as doações e características respectivas, aqui publicada como gratidão eterna, e conforme a ordem de registro:

- 1 - Princesa Isabel
- 2- Conde D'Eu
- 3- João Gomes de Freitas
- 4- Barão de Ayruoca
- 5- Baronesa de Ayruoca
- 6- Claudio Manoel Correa
- 7- Barão do Amparo
- 8- Padre Joaquim P. Escobar
- 9- Padre José Marquesda Mota
- 10- Francisco Luiz Ferreira Leal
- 11- Com. Francisco Pereira Silva
- 12- Visconde do Salto
- 13- Emílio Maria Colonna
- 14- Rodolfo N. Rocha Miranda
- 15- Dr. José da Cunha Ferreira

- 16- Dr. José Pimentel Tavares
- 17-Dr. Clemente Ferreira
- 18-Cel Augusto Cézard'Amorim
- 19-Cónego Miguel Cal-mon Bulcão
- 20- Pedro Paulo Ramos
- 21- Padre Manoel dos Anjos
- 22 - Dr. Luiz Rocha Miranda
- 23 - Dr. Aprígio A. de Carvalho
- 24- Dr. Alfredo Augusto G. Baker
- 25- Heitor Bittencourt
- 26- Francisco Alves da Silva
- 27- Francisco do Rego Maia
- 28- Francisco Marinho da Silva
- 29- Manoel Pereira Castro
- 30-Joaquim Gomes Jardim
- 31- Padre Francisco F. da Silva
- 32-João Moutinho França
- 33- Antônio Oliveira Porto
- 34- Dr. Joaquim A. Ribeiro da Luz
- 35- Capitão Antonio Pereira Leite
- 36- Maria Cândida Ribeiro
- 37-José Antônio S. Maia
- 38- José Antônio Dias Novais
- 39- Custódia Maria do Sacramento
- 40- Mathilde Ferreira de Toledo
- 41-Manoel Porto Nogueira
- 42- Manoel da Rocha Leão
- 43- Felicidade Monteiro
- 44- Manoel Alexandre Franklin

- 45- Dr. José Ildefonso Souza Ramos
- 46- Dr. João de Macedo Costa
- 47- Coronel Fabiano Pereira Barreto
- 48- Francisca de Sales Barreto
- 49- Joaquina Alves Jardim
- 50- Miguel B. Mesquita
- 51- Cândida de Souza Ramos
- 52- João Crisóstomo de Vargas
- 53- José Teodoro de Paula Correa
- 54- Escolástica Carneiro de Sá França
- 55- Henrique Baptista Sivori
- 56- José Gulhot
- 57- Antônio Pereira Rosas
- 58- Dr. Manoel Fernandes da Silveira
- 59- Dr. Custódio Luiz de Miranda
- 60- Itelvina Esperança de Carvalho
- 61- Eduardo Wilson
- 62- Manoel d'Azevedo Castro
- 63- João Vieira da Silva
- 64- Antônio Xavier Lima Júnior
- 65- Dr. José M. Fonseca Ramos
- 66- José Ribeiro de Andrade
- 67- Joaquim Augusto Sampaio
- 68- Couto Rocha
- 69- Izabel d'Avila França
- 70- Celestina Nogueira de Paula
- 71- José Alfredo Sodré
- 72- Rodolfo Fortes Diniz Junqueira
- 73- Lúcio Moreira da Rocha

- 74- Delfim Cleto da Rocha
- 75- José Veloso Filho
- 76- Baltazar Barbosa de Menezes
- 77- Teófilo José Fernandes
- 78- Alfredo Antônio Amorim
- 79- Astolfo Vilaça
- 80- L. Fontes e Cia
- 81- Rodolpho Annechino
- 82- José da Costa Laranjeira
- 83- Maria Amélia França
- 84- Delfim Barbosa de Almeida
- 85- Rosa Moutinho Gomes
- 86- Deocleciano Gonçalves Guimarães
- 87- Francisco Carlos Soares
- 88- Adélia Freire Carvalho
- 89- Olímpio Pinheiro da Silva
- 90- Nicolino Gulhot
- 91- A. Angra de Oliveira
- 92- Maria Carolina dos S. Viana
- 93- Dr. Paulo da Silva Brito
- 94- Monsenhor Laureano Joaquim Serpa
- 95- Alice Carvalho Louzada
- 96- Crimedes Vilaça
- 97- Antonio Menandro da Silva
- 98- Henriquetinha Viana Gulhot
- 99- Joaquim Porto Júnior
- 100- José Oliveira Veiga
- 101- Mariana Pereira Leite
- 102- Izabel Conceição Câmara

- 103- Ernestina Nascimento
- 104- Padre João da Mata Tarlé
- 105- Pedro Xavier dAlmeida
- 106- Dr. Francisco de Paula F. e Souza
- 107- Salvador da Silva Leite
- 108- Manoel P. d'Almeida Mello
- 109- Francisco de Assis O. Braga
- 110- Dr. José Carlos Borba
- 111- Antônio Pereira Leite e Silva
- 112- Pedro Euletério d Almeida
- 113- José de Souza Loretti
- 114- Luiz Pistarini
- 115-Joaquim Rebouças de Carvalho
- 116- José Mendes Bernardes
- 117- Sebastião José Rodrigues
- 118-LeonorJardim Vilaça
- 119-Carolina B. Peixoto Barreto
- 120-Dr. Luiz Pereira Barreto
- 121- Rita Menezes
- 122-Iracilda Vilaça
- 123-Mario Pimenta Borges
- 124- Dr. Francisco de Oliveira Botelho
- 125- Dr. Pedro Paulo Souza Nogueira
- 126- Otaviano Hudson
- 127-Dr. Henrique Carvalho
- 128- Maria Izabel Jardim
- 129- Eufrosina Maria de Queiroz
- 130- Tereza Francisca dos Santos
- 131-Dr. Licínio Chaves Barcelos

- 132-Maria Leopoldina de S. Melo
- 133 - Manoel Conrado Teixeira
- 134- Luiz. F. de Souza Leal
- 135- Sebastião R. da Silva Veiga
- 136- Padre João Batista Braga
- 137- Francisca Amorim
- 138- Dr. Leonel Magalhães
- 139-Antônia Benedita de M. Rolim
- 140- José Ferreira de Souza
- 141- Ana Joaquina Ferreira de Sousa
- 142- Malaquias Foog
- 143- Tito Lívio Martins
- 144 - Ana de Godoy Moreira
- 145- Job Lopes de Oliveira
- 146- Zélia Novaes
- 147- Noémia Amorim
- 148-Antônio Medeiros Pimentel
- 149- Adelaide Viana Rodrigues
- 150- João Barbosa vda Silva
- 151- Celina França
- 152- Ana Pinheiro Gama
- 153- Antônio Bastos
- 154- José T. Vilaça
- 155- Francisco Giffoni
- 156- João d Avila Melz
- 157 - Maria Carmela de Sanctis
- 158-AntônioJoséJ. Alves
- 159- Luzia Pansardi Oliveira
- 160- Manoel Fernandes Costa

161-José C. Pereira da Rocha

162- Antônio Baptista Lopes

163- Dr. Hilário Figueira

164-Joaquim G. de Carvalho

165- Dr. Arcílio d'O. Guimarães

166- Maria Eugênia Freire

167-Josephina Corbella

168-J. Baços

169- João Machado Mendes

170- Felipe Nery

171- Professor Estevenson

172- Dina de Oliveira Melo

173-Randolfo Souza e Cia

174- Ramiro de Souza

175- Sampaio Rodolfo

Daí para diante não existe livro disponível em que se acompanhe o registro dos benfeitores a partir de 1921.

Além dos quadros nas paredes do Salão de Honra, alguns dos grandes benfeitores são lembrados com seus nomes dados a dependências da Santa Casa, como nas enfermarias masculinas, chamadas José Veloso Filho, João Soares da Rocha, Família Caldeira Júnior, Família Rocha Miranda, bem como na feminina, que homenageia o padre José Theodoro Balieiro, e na Pediatria, em homenagem a Nicolina Taranto Fortes, mãe de Francisco Fortes Filho. Já existiram a Enfermaria Alfredo Sodré, Enfermaria Cónego Bulcão e Enfermaria Baronesa do Bananal, esta destinada ao amparo da velhice e mantida por seu filho, Dr. Rodolfo Rocha Miranda. Há, ainda, a Enfermaria Irmãos Morganti. A Farmácia homenageia Carlito Miranda (Carlos Gastão Miranda), farmacêutico da Santa Casa no início do século e pai do escritor Macedo Miranda, como já foi mencionado. No Pronto-Socorro existem placas homenageando o Provedor Eitel César Fernandes (na entrada) e as alas Dr. Mário Jardim Freire e Dr. (dentista) Aziz Abrão, a quem muito deve o Centro de Estudos Médicos. Na Provedoria existe placa de gratidão ao grande Provedor Altamiro Pimenta (1982-1987). Não mais existem na Santa Casa os retratos entronizados dos Provedores Dr. Arcílio Guimarães, Dr. Otávio Botelho, Dr. Taurino do Carmo e Luiz Cleto Rocha, nem mais os antigos do padre Joaquim Pereira Escobar e do Barão do Amparo, aquele grande Provedor e este grande benfeitor da Santa Casa. O atual Centro Cirúrgico, que traz o nome do padre Manoel dos Anjos - o São Benedito de Resende —, evoca em suas salas os médicos e benfeitores da Santa Casa do período 1940-1980: cirurgiões Drs. Nicolau Moisés, Manoel Taurino do Carmo, José Máximo Balieiro, Sebastião Araripe Reis e o clínico geral Haroldo Viana Rodrigues, sobrinho neto do Visconde do Salto.

Nos anos 20 e 30 a Santa Casa passou por grande crise financeira e teve de gastar muito para restaurar o prédio, após mais de 60 anos de atividade. Como a cidade, a Santa Casa havia empobrecido e vivia da caridade dos fazendeiros, conforme depoimento dos médicos Dr. Nilo Gomes Jardim Jr. e Dr. Haroldo Viana Rodrigues e da Irmã Catarina (hoje Irmã Emília Engert Portugal Milivard), que ali dedicou o melhor de sua vida em prol da saúde dos resendenses. A medicina ali praticada era com meios precários e rudimentares, segundo o Dr. Nilo. As operações de amígdalas, segundo o Dr. Haroldo, ao aqui chegar, eram feitas sem anestesia. Os anestesistas eram os próprios médicos, segundo o Dr. Nilo, que assim atuou, bem como o Dr. Haroldo. O sistema de esterilização era precário e seu aperfeiçoamento se deveu ao Dr. Nicolau.

A vinda da Academia Militar das Agulhas Negras para Resende, segundo os citados médicos, deu um sopro vivificador nas reformas do prédio e na medicina ali praticada. Destacou-se então, neste resgate da importância da Santa Casa como casa de saúde, o general Luiz Sá Affonseca, então Chefe da Comissão Construtora da AMAN, conforme o comprovam atas da época. Os médicos enviados para a AMAN também dariam sua contribuição à Santa Casa. Consultando os médicos citados e mais o Provedor Dr. Nivaldo e Waldir Guimarães, foi possível acrescentar à lista acima, parcialmente e de modo incompleto, a relação a seguir, de pessoas, famílias e entidades privadas que vêm ajudando a nobre missão da Santa Casa:

- 176-General Luiz Sá Af fonseca
- 177- Comissão Construtora da AMAN
- 178 - Cooperativa Agropecuária
- 179-Coop. Brasileira Proj. e Obras
- 180 - LOGUS Consultoria
- 181-Britanite
- 182-Cyanamid
- 183 - MacDonald de Resende
- 184 - Kodak de Resende
- 185-Abatedouro Mara Mareia
- 186 - Açucareira Porto Real
- 187-Academia Militar (AMAN)
- 188- Aspirantes de Infantaria de 1946
- 189- Associação das Voluntárias
- 190-Colégio Sagrado Coração
- 191- Luiz Cleto Rocha
- 192- Dr. Nilo Gomes Jardim Jr.
- 193- Dr. Renato Castro Filgueiras

194- Eduardo Gonçalves

195- Antonina Freire

196-Família Godoy

197- Família Pimenta

198-João Baptista Gomes

199- João Soares da Rocha

200- Arão Soares da Rocha

201- Natanael Soares da Rocha

202- Enfermeira Elazir Carneiro

203- Irmã Emília Milivard (Ir.Catarina)

204- Celestina de Paula

205- Mariquinha Soares

206- AGA S/A (Volta Redonda), Renato B. Pereira Nunes

207-Cel Claudio Moreira Bento o autor do livro **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende**, que resgatou , preservou e divulgou a História da Santa Casa de Resende, agora perenizada m Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br

208-Cel Professor Geraldo Levasseur França. O pintor da capa do livro e uma das personalidades mais injustiçada de Resende para a qual contribuiu gratuitamente como artista plástico bem como em Itatiaia, A ele deve a FAHIMTB, a ARDHIS e a ACIDIHS a pintura de seus braços e foi nosso colaborador na fundação das citadas academias. Foi tentado em vão em Resende e Itatiaia, perenizar seu nome numa rua ou avenida. Para ele justifica-se este pensamento do Padre Anotônio Vieira ao responder a alguém que afirmava que a Pátria lhe fora ingrata ao que o padre Antonio Vieira respondeu “**Se achas qu a pátria te foi ingrata tu fizestes o que devia e ela o que costuma”**

A lista é incompleta e refere-se a benfeitores que têm socorrido a Santa Casa com alimentos, aparelhos médicos, dinheiro, serviços especiais coletivos e pessoais, além do dever, como a Irmã Emília e a enfermeira Elazir, que ministraram o1º Curso de Enfermeiras e em que formaram com o auxílio de benfeitores médicos, 18 competentes enfermeiras. Lembrança das benfeitoras Servas de Maria: Terezinha, Maria Espírito Santo, Helena, Peregrina, Huga, São Tomaz, Maria Auxiliadora, Catarina e Carmen, e dos padres Sandrup, Teodoro e Estevão, e outros...

OS MÉDICOS DA SANTA CASA DE RESENDE

Nos 157 anos de existência da Santa Casa de Misericórdia de Resende, numerosos foram os médicos que por ela passaram e cumpriram a destinação social da Casa de assistir na doença, preferencialmente os doentes pobres, e gratuitamente.

O primeiro médico que ela possuiu foi o Dr. Luiz Custódio de Miranda, português nascido em 13 de maio de 1805, em Margão, bispado de Goa, na Índia. Era formado em Coimbra e obteve suficiência pela Escola de Medicina no Rio. Foi contratado pela Câmara

de Resende como vacinador geral por 200 mil réis/mês. Desenvolveu grande esforço em Resende no combate da febre amarela e produziu trabalho pioneiro que hoje é estudado por historiadores de Medicina. Foi fazendeiro em Sertãozinho, próximo da Fazenda do Tanque, onde mantinha um mini-hospital e farmácia. Faleceu aos 73 anos, em 16 de março de 1878, tendo antes visitado sua terra natal, ao que parece em companhia do padre Pereira Escobar. Seu retrato figura no Salão Nobre da Santa Casa (o Relicário da Gratidão) como o 12 médico servidor da Santa Casa.

Antes dele, porém, a Câmara havia contratado o cirurgião licenciado João José Fernandes Coelho, que foi o primeiro de que a Santa Casa dispôs.

A Farmácia da Santa Casa, ao que parece, foi a lá de que Resende dispôs.

Somente em 1849 Resende passou a contar com os serviços médicos de seu filho formado em Medicina. Foi o Dr. Gustavo Gomes Jardim (1824-1917), formado no Rio de Janeiro e filho do major David Gomes Jardim, integrante da Guarda de Honra de D. Pedro, imortalizado no quadro Grito do Ipiranga, de Vitor Meireles, e o responsável pela vinda para Resende do 1º médico-cirurgião, o inglês Thomas Whately, tronco de ilustre família resendense. O Dr. Gustavo era neto do tenente Domingos Gomes Jardim, vereador ligado à criação da Santa Casa e sobrinho-neto do padre Escobar, também ligado à fundação da Santa Casa e primo-segundo do Dr. Nilo Gomes Jardim Junior, o decano dos médicos da cidade e também figura estimadíssima em Resende, sua terra natal.

Trabalharam na Santa Casa, ainda no Império, o italiano Dr. Dionízio Bandiali e o Dr. José Pimentel Tavares (1809-1881), português nascido em Coimbra. Trabalhou 33 anos cuidando dos doentes pobres da Santa Casa. Seu retrato a óleo está entronizado, faz mais de 100 anos, no Salão de Honra da Santa Casa, tendo sido recuperado com os demais que lá se encontram em 1977, sob a direção da museóloga Solange Godoy.

O nome do Dr. Tavares está perpetuado na Rua Dr. Tavares, por força do Projeto de Lei na 8/1848.

Por volta de 1901, centenário do vilamento, trabalhavam na Santa Casa:

- Dr. Manoel Fernandes da Silveira
- Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho
- Dr. José da Cunha Ferreira
- Dr. Joaquim Coelho Gomes
- Dr. Hylário da Silva Figueira

O Dr. Silveira (1803-1936) era sergipano de São Cristóvão e resendense por adoção. Era formado em Salvador. Foi prefeito de Resende por 10 meses e deputado estadual. Foi médico da Santa Casa por longos anos. Teve atuação destacada no combate à gripe espanhola em 1918. Foi médico humanitário. Chegou a Resende em companhia do Dr. Oliveira Botelho. Foi casado com Ester Carvalho. É pai de Graciema Cotrim, que foi casada com o Dr. Roberto Bernardes Cotrim de Itatiaia. É estudado por seu bisneto, Marcos Cotrim Barcelos, na Revista ACIAR, de maio de 1988. Ele faleceu em 7 de abril de 1936. A obra de Itamar Bopp Resende Cem Anos de Cidade, às págs. 286-287, traça o seu necrológio, onde ressalta:

"À Santa Casa de Misericórdia de Resende, que por demo rado tempo foi médico unicamente só, prestou os mais assinalados serviços, os quais mais se acentuaram quari do nas funções de Provedor do Pio Estabelecimento. Em atenção à proveitosa atuação na Santa Casa lá figura há 33 anos seu retrato a óleo na galeria dos servidores daquele instituto de caridade local. "

Foi no Dr. Silveira que buscou inspiração para ser médico o Dr. Haroldo Viana Rodrigues, segundo me testemunhou. O Dr. Silveira é patrono de cadeira da Academia Resendense de História, por consagração consensual de seus membros.

O Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho (1868-1943) era filho de baianos, nascido em Montevideu em 19 de fevereiro de 1868, durante a Guerra do Paraguai. Formado na Bahia. Clinicou em Resende, onde fez carreira política. Vereador, presidente da Câmara, deputado e presidente da Assembléia do Rio de Janeiro, deputado federal, ministro da Fazenda e governador do Rio de Janeiro.

O Dr. José da Cunha Ferreira (1853-1914) era filho de Bananal, formado no Rio de Janeiro. Presidiu a Câmara de Resende e foi Provedor e médico da Santa Casa, onde seu retrato a óleo figura no Salão de Honra.

Em 1931 começou a trabalhar na Santa Casa o Dr. Nilo Gomes Jardim Jr, onde atuou até 1938 como anestesista, pediatra e clínico. Ali já encontrou o Dr. Manoel Taurino do Carmo e o Dr. Otávio de Oliveira Botelho, filho do Dr. Oliveira Botelho.

Lembra o Dr. Nilo a pobreza e a precariedade dos meios e instalações da Santa Casa e as reduzidas possibilidades cirúrgicas, mesmo depois de ela ter abrigado instalações do Exército, no combate à Revolução de 1932.

O Dr. Nilo Gomes Jardim Júnior é o decano dos médicos de Resende e da Santa Casa, onde seus ancestrais se destacaram, como o seu avô, comendador Joaquim Gomes Jardim que foi o Provedor da construção e instalação da Santa Casa no atual prédio e do qual conserva belo quadro a óleo em sua casa, junto com preciosa bengala que pertenceu ao seu tio-bisavô, padre Joaquim Pereira Escobar, ex-Provedor da Santa Casa. O Dr. Nilo nasceu em 18 de setembro de 1906 na Fazenda Itatiaia, em Itatiaia, de propriedade de seu pai, de mesmo nome. Nesse ano de 1906 o general Hermes Ernesto da Fonseca ali veraneou, a convite de seu pai. Dr. Nilo ficou em Resende até os 7 anos, quando foi residir em Guaratinguetá. Cursou Medicina no Rio de Janeiro de 1925 a 1930. Sua mãe preferia que fosse clinicar em Marília, mas ele preferiu Resende, sua terra e de seus maiores. Resende estava empobrecida, e por consequência a Santa Casa também. De 10 consultas que dava só recebia o pagamento de duas. Em Resende teve participação marcante. Foi um dos fundadores do CCRR. Fundou o la Laboratório de Análises de Resende. Foi o pioneiro na criação de um Lactário em Resende, chamado Gota de Leite. Foi iniciativa de Arcílio Guimarães, cuja direção clínica ficou a seu cargo, com o auxílio do Dr. Waldemar Bessa. Foi a Associação de Proteção à Criança, que evoluiu para a benemérita APMIR, por largo tempo abrigada na Santa Casa. O Dr. Nilo foi médico do INPS. Integrou por longos anos a equipe do Posto de Saúde de Resende, criado em 1938. Esportista, praticou com destaque o tênis, tendo fundado agremiação específica, que funcionou onde hoje se ergue a APMIR. Dele escreveu o historiador Itamar Bopp. "O Dr. Nilo é um dos mais queridos médicos da cidade, não só como profissional competentíssimo como sobretudo por sua figura humana, sempre amiga, que tanta confiança desperta em seus clientes" (Resende — Casamento 547). O Dr. Nilo em 1935 dirigiu um laboratório para combate à febre amarela que foi instalado na Santa Casa. Foi médico do Santa Ângela.

Por ocasião do centenário da cidade de Resende, trabalhavam na Santa Casa os seguintes médicos:

- Dr. Manoel Taurino do Carmo
- Dr. Nicolau Moisés
- Dr. Haroldo Viana Rodrigues
- Dr. Sebastião Araripe Reis
- Dr. Dário Dias Alves
- Dr. Geraldo de Carvalho
- Dr. Costa Lobo
- Dr. Souza Lobo, Dr. Ernesto, Dr. Virgílio, Dr. Arnaldo
- Dr. Máximo Balieiro

O Dr. Manoel Taurino do Carmo (1892-1966) era alagoano. Foi padioleiro na I Guerra Mundial, na Argélia. Consta como tendo se formado em Belo Horizonte. Foi médico e Provedor da Santa Casa por muitos anos, e, segundo o Dr. Haroldo Rodrigues Viana, era dedicado, humanitário e pouco ganhava com a Medicina, sendo mantido pelos amigos. Foi prefeito de Resende de 1930 a 1932, e vereador. É nome de rua em Resende. Residia onde desde 1944 se ergue em Resende a casa do comandante da AMAN. Consta que foi quem começou a desenvolver a moderna cirurgia em Resende, lá pelos anos 40, no que seria auxiliado pelo Dr. Nicolau Moisés, que prestou interessante entrevista na Revista ACIAR de maio de 1989, e a quem coube desenvolver esterilização em padrões seguros.

O Dr. Haroldo Viana é resendense nascido em 18 de maio de 1915 e que chegou à Santa Casa como clínico geral e com curso de otorrino, após formar-se em Medicina na Praia Vermelha. Confirma as condições de precariedade e pobreza em que encontrou a Santa Casa, e o impulso que ela passou a receber da Comissão Construtora da AMAN, na pessoa do general Luiz Sá Affonseca, hoje nome de rua em Resende. Recorda que ainda as receitas eram formuladas ou aviadas, e das grandes dificuldades que vinha enfrentando a Santa Casa, o que obrigou alguns provedores a se desfazerem de apólices da Santa Casa, em meio a grande protesto popular. Lembra também a marcante atuação do Provedor Luiz Cleto Rocha, que queria que a Santa Casa funcionasse como sua empresa, ligada à GM, e de que como ele conseguiu catalisar para a Santa Casa o apoio dos produtores de leite, assim como a grande reforma que ele fez e ultimou do velho prédio. Recorda a contribuição à esterilização da Santa Casa feita pelo dono da Açucareira Porto Real, que enviava mensalmente 3 tonéis de álcool. Lembrou que os médicos cobravam dos que podiam pagar e atendiam grátis — dentro do espírito do Pio Estabelecimento — os doentes pobres.

Recordou, ainda, a relevante projeção da obra do Dr. Dário Dias Alves, que teve a feliz iniciativa da fundação em 7 de maio de 1957, em dependências da Santa Casa, do Centro de Estudos Médicos de Resende, que hoje congrega 95 membros. Centro que deu um grande impulso à evolução científica dos profissionais de saúde (médicos, dentistas e farmacêuticos) e dos químicos das indústrias de Resende, e particularmente com a vinda para a cidade de grandes nomes da Medicina, aposentados, como os Drs. Lélcio Gomes,

Ágila Sobral, Victor Rosa e Crespo Fontes. Em 1968, o Centro de Estudos Médicos de Resende — sob a responsabilidade de seu presidente, o mais tarde dinâmico e realizador general Dr. Nilton Guilherme, e do Dr. Lélío Gomes — editou o seu 1.º boletim em janeiro de 1967, com o patrocínio da Cyanamid Química do Brasil, que divulgou os trabalhos Síndrome da Costela Cervical, de autoria de Airton Ornellas, Lélío Gomes e Maurício Menandro, e Cardiopatia Congênita Cianótica, do Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva, o atual Provedor da Santa Casa. O Centro de Estudos Médicos possui sua documentação bem registrada e preservada graças aos desvelos de sua dedicada secretária, Nadir Ferreira de Azevedo, que por sentimento e iniciativa própria anota algumas efemérides expressivas da Medicina em Resende. Em 1968 (julho) o antigo Salão de Honra, já quase centenário, teve que espalhar seus tradicionais móveis (mesa de reuniões e cadeiras e retirar algumas fotos) para abrigar um miniauditório. Do ponto de vista patrimonial-histórico, isso foi lamentável, e creio que até em termos de lay-out, pelo fato de os participantes dos eventos terem que circular constrangidos e constrangendo, através da Maternidade.

Aqui sugere o historiador que seja recuperada a função histórica do Salão de Honra e Relicário da Gratidão e da Benemerência e para ele volte sua histórica mesa, hoje na Prefeitura, e que fora construída gratuitamente, em 1868, pelas mãos do artesão Manoel Medeiros, um homem do povo, com madeiras da Fazenda Ribeirão Raso, em Itatiaia, e atual propriedade de Mariana Pereira Leite, avó de Cândida Leite, que foi esposa do heróico Voluntário da Pátria Paulino Gomes Jardim, filho do Provedor Joaquim Gomes Jardim, que inaugurou o atual prédio da Santa Casa e custeou a metade da mais que centenária imagem de N. S.ª da Piedade, a padroeira da Santa Casa de Resende e de sua Irmandade mantenedora. Repetimos: "A tradição está para uma instituição como o perfume está para uma flor." Mathias Hurnmel, que doou o centenário carrilhão que até hoje se encontra na Provedoria, era casado na família Gomes Jardim, com Genoveva.

Atualmente estão na Santa Casa numerosos médicos, que passarei a nominar — bem como os dirigentes dos diversos setores do Corpo Clínico, administradores e funcionários mais antigos — como homenagem ao que vêm enfrentando na maior crise jamais atravessada pela Santa Casa em 157 anos, como reflexo da crise da Previdência Social que atingiu em cheio a assistência médica no Brasil em 1991 e ainda persiste.

Direção Clínica

Diretor Clínico: Dr. Mario Sérgio da Silva Freire (cirurgião geral)

Vice-Diretora: Dra. Maria Tereza Abrão (cirurgiã plástica) Centro Cirúrgico: Dr. Cyrano Santos (cirurgião geral) Maternidade: Dra. Cleide Maria C. L. Santos (ginecologista) Radiologia: Drs. José Fernando Xavier, Ronaldo de Caldas

Osório e Osvaldo Alves de Almeida Filho UTI: Dr. Afonso Maria Abrão Anestesia: Dr. Osvaldo Alves de Almeida Filho Ortopedia: Dr. João Alberto Cruz Pronto-Socorro: Dr. Sócrates da Silva Varginha Neto Banco de Sangue: Dr. Eduardo Meohas

Outros Médicos

Urologistas: Dr. Arthur F. Allevato, Dr. Mauricio Abran-chesz e Dr. Ronei Mota Dutra Oftalmologistas: Dr. Aluizio A. B. Diniz, Dr. Aliomar B. Diniz, Dr. Jonas Silva Varginha, Dra. Ludmila Maria Varginha, Dr. Spurgeon L. F. Barros Clínica geral: Dr. Altamiro Pimenta Filho Gastroenterologistas: Dr. Elias Dable Neto, Dra. Bianca

Thomaz Faria Cirurgião infantil: Dr. Carlos E. R Vilas Boas Cirurgião geral: Dr. Edi Nobá Balieiro Cirurgião bucofacial: Dr. Fernando Ornellas Ginecologistas: Dr. Carlos Alberto da Fonseca, Dr. Jaci Benfica Costa, Dr. José Luiz B. Anastácio, Dr. Orivaldo

R. Rodrigues da Silva, Dra. Solange G. Cruz Pneumologistas: Dr. Evaldo A. Salgado, Dr. Marcílio A. Reis

Psiquiatra: Dr. Gino Enrico Olivo

Ortopedistas: Dr. Ildemar M. da Palma, Dr. José Afrânio Grizendi, Dr. João Alberto da Cruz, Dr. Vigílio Oliveira Pires

Anestesistas: Dr. Hugo Ribas Júnior, Dr. Manácio José da Silva, Dr. Milton Ramos Lima, Dra. Maria Martins Vieira

Neurocirurgião: Dr. Ivan Moraes Pinto

Cardiologistas: Dr. José Carlos P. de Souza, Dr. José Mauro J. Santos,

Doenças" infecciosas: Dr. Gláucio M. Julianeli

Otorino: Dr. José Jorge Gandolfo.

Fisioterapeuta: Dr. Luiz Henrique Halpern

Pediatras: Dr. Osvaldo L. Gonçalves Felipe, Dr. Pedro M.

Falcão, Dr. Paulo Celso Fonseca Anatomista patológico: Dr. Pedro M. Falcão

Funcionários Supervisores

Radiologia: Maria d'Aparecida Alcântara da Silva Faturamento: Vanderlei de Almeida Souza Recepção do Pronto-Socorro: Dalva Maria da Silva Almoxarifado e Farmácia: João Ferreira Serviço Social: Sônia Maria Cruz Cardoso Departamento de Pessoal: Aluísio da Silva Barbosa

Contabilidade: Daniel Calheiros de Araujo

Laboratório: José Albano Loureiro Ferreira e José Amaral

L. Baptista Lavanderia: Sônia Maria Martins Tonheres Nutrição/Dietista: Ivana Cardoso Soares Braga Enfermagem: Maria América Ventura, Dinéia Aparecida

Diniz e Maria Luiz Chefia de Apoio: Ana Cristina Santos Pires Atua como Diretor Administrativo: Marcos Van Deursen

Funcionários da Santa Casa: 213

Possuíam mais de 25 anos de serviços na Santa Casa os seguintes funcionários:

Benedita M. da Conceição — 53 anos — lavanderia Maria Barbosa Coelho — 28 anos — cozinheira Sebastião Ferreira da Silva — aposentado — 27 anos Ilza Ferreira da Silva — 25 anos — lavanderia Maria Aparecida de Alcântara — 25 anos — Raios X

Homenagem especial à Irmã Catarina (Emília Engert Portugal Milivardi), que trabalhou mais de 40 anos na Santa Casa, onde comparece sempre que pode e é acolhida com o maior carinho e veneração por todos, e que nutre um grande amor pelo Pio Estabelecimento. É do tempo em que a Santa Casa era muito pobre e que os próprios doentes eram treinados em algumas práticas de enfermagem, para minorar a ausência de profissionais. Tempo em que ficava, anos a fio, todas as noites de sobreaviso para atender às emergências.

Desde 10 de outubro de 1986 existe em Resende a Associação das Voluntárias de Resende, integrada por 16 senhoras da Sociedade local, sob a presidência de D. Rachel Halpern e destinada a prestar assistência a entidades filantrópicas e a pessoas carentes de Resende, com recursos que obtém de 4 festas que promove anualmente. Da ação desse benemérito grupo, que figura entre os benfeitores da Santa Casa, esta já colheu frutos no melhoramento de sua Pediatria, Cozinha e Lavanderia, além de receber colchões e lençóis.

Os dados sobre a atual situação de pessoal da Santa Casa nos foram fornecidos por sua Administração.

Em que pese a crise da Previdência em 1991, essa equipe realizou 2.086 cirurgias, cuidou de 5.873 internações e atendeu a 9.547 consultas ortopédicas; 7.391 cirúrgicas; 2.157 ginecológicas. O Pronto-Socorro fez 41.217 atendimentos; o Laboratório realizou 7.965 exames; o Raios X atendeu 4.988 casos. Houve 152 óbitos. Isto contrasta com o ano de 1939, quando a Santa Casa tratou de 575 internados, dos quais 90 faleceram, e atendeu a 2.531 consultas. Estatísticas parciais que permitirão ao analista especializado tirar conclusões sobre a evolução da Santa Casa,

FONTES CONSULTADAS SOBRE

A SANTA CASA DE RESENDE

Poucas foram as fontes documentais que restaram dos 157 anos da História da Santa Casa, porque, segundo o Provedor do sesquicentenário, Altamiro Pimenta, na Revista ACIAR (nº 4, de janeiro de 1986, p. 21), "os arquivos da Santa Casa, bem como os bens a ela legados, sumiram no tempo, apodrecidos pelo mofo, roídos pelo cupim e pela infiltração, e ultimamente foram vendidos como papel velho, nada sobre-restando para pesquisas." E aí residiu o grande desafio, ao historiador, de tentar resgatar o Passado da Santa Casa com apoio nos livros e artigos a seguir e que aqui serão citados com um carácter também de homenagem aos historiadores, cronistas e jornalistas que — com seu relevante e benemérito papel social, incompreendido e desapoiado, num país que não cultiva a sua memória — ajudaram, como é o caso em tela, a suprir a lacuna dos documentos extraviados ou vendidos como papel velho, segundo o citado Altamiro Pimenta. Para se ter uma idéia da gravidade do problema, não foram mais encontradas as atas da Mesa Administrativa de 1835-1935.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E

HEMEROGRÁFICAS

Onde figura IDEM leia-se hoje _____.

1. BENTO, Cláudio Moreira, cel. "As Tradições da Academia Militar das Agulhas Negras em seus 40 Anos em Resende". **Revista do Clube Militar** 1984. Jul./ago., pp. 5-17.

2. BOPP, Itamar. **Resende 100 Anos da Cidade - 1848-1948**. São Paulo, Sangirard, 1977 (contém valiosas informações sobre o tema).

3. IDEM. **Quatro Personagens de Resende**. São Paulo, s/ed., 1983.

4. IDEM. **Família Pereira Barreto**. São Paulo, Pannartz, 1974.

5. IDEM. **Padres, Histórias, Biografias**. São Paulo, s/ed., 1977 (notas sobre os padres Marques e Manoel dos Anjos).

6. IDEM. "Visconde do Salto". **Revista Genealógica Latina**, nº 12 (trata de um benfeitor da Santa Casa).

7. IDEM. **Família Gomes Jardim — Casamento 547**. São Paulo, s/ed., 1968.

8. IDEM. Entrevista. **Revista ACIAR**, abril de 1989, P- 13. (Itamar Bopp possui coleções dos jornais resendenses A Lyra, Timburibá, Itatiaia e Resendense, que refletem a História da Santa Casa.)

9. BRAILE, Pedro. "Resende no seu Ducentésimo Ano de Existência". **Almanaque Municipal**. Resende, Gráfica O Municipal, 1944.

10. COTRIM, Marcos. "Dr. Silveira, Médico dos Pobres e Prefeito Duas Vezes".

Revista ACIAR, na 5, maio de 1988, pp. 7-9, com foto.

11. FORTES FILHO, Francisco. "Meu Caro Altamiro Pimenta". **Revista ACIAR**, nº 8, set, 1989 (aborda problemas da Santa Casa em 1989)-

12. FONSECA, Henrique et BITENCOURT, Heitor. **Almanak do Centenário de Resende para 1902**. Resende: Tipografia e Papelaria Fonseca, 1902.

13. FREIRE, Maria Augusta Dinorah (Profa Mariúcha). **Professora por Vocação**. Resende, Salesiano, 1980.

14. GODOY, Solange. **O Café no Vale do Paraíba, séc. XIX**. Rio de Janeiro: PUC, 1971 (tese).

15. IDEM. **Processo de Recuperação de Pinturas da Santa Casa**. 1977 (MAN).

16. JORNAL DE RESENDE. "Sesqui da Santa Casa". 43 semana, julho de 1985.

17. MAIA, João. **Do Descobrimento do Campo Alegre à Criação da Vila de Resende**: Resende, s/ed. 1891 (dá interessantes notícias da Santa Casa no Império, sendo esse autor testemunha ocular).

18. MAIA, Joaquim. "Voluntários da Pátria Resendenses na Guerra do Paraguai". **Revista Cavalaria**. Resende, AMAN, 1979 (número especial dedicado ao centenário da morte do general Osório).

19. IDEM. Anotações sobre a Santa Casa de Resende (inédito em poder da família).

20. IDEM. **História de Resende** em 390 Páginas (inédito e por nós consultado).

21. IDEM. **Recordar é Viver** (inédito em poder de seu filho Jorge).

22. PEDREIRA, José Rodrigues. Resende em Revista. Volta Redonda, Gazetilha, 1975 (notas biográficas muito úteis sobre a Santa Casa).

23. PIMENTA, Altamiro. "As Misericórdias". Revista ACIAR, nos 2 e 3, 1985, e jan. 1986 (importantes por traduzirem a atual filosofia da Santa Casa "Mutare per nom pericere", sendo o único ensaio existente sobre a história da Santa Casa e sua atualidade).

24. IDEM. **Vida e Obra de Antonina Ramos Freire**. Resende: Gráfica do Patronato, 1980 (aborda o Colégio Sagrado Coração também).

25. REVISTA ACIAR. "A Santa Casa no Sesquicentenário", nº 1, out. 1985, p. 21.

26. IDEM. "Perfil de Altamiro Pimenta", nº 8, set. 1989, ilustr., pp. 21-22 (visto por Frederico Carvalho, Chico Fortes e Maria Celina Whately).

27. IDEM. "Horta Comunitária", nº 1, jun, 1987 (projeto Leila Cotrim).

28. ROCHA, Arão Soares da. Entrevista. **Revista ACIAR**, nº 5, jun. 1987.

29. VIANA, Neiva. Entrevista com o Dr. Nicolau Moisés. **Revista ACIAR** nº

30. IDEM. Entrevista com o Provedor da Santa Casa Dr. Nivaldo de Oliveira e Silva. **Revista ACIAR**, nº 6, jul. 1989, ilustr.

31. WHATELY, Maria Celina. **O Café em Resende no Séc. XIX**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1987.

FONTES DOCUMENTAIS

Nem todas as fontes documentais foram perdidas. Relacionamos as seguintes, que por ordem do Provedor, e atendendo nossa sugestão, foram recolhidas em cofre no Salão de Honra, até que sejam destinadas ao Arquivo Histórico de Resende, da Fundação Macedo Miranda.

1. Livro de Tombo do Patrimônio e de Legados Pios, 1903.

2. Livro de doações e testamentos, 1911-1921 (relaciona todos os benfeitores, em número de 175, desde 1835).

3. Livro de Atas da Mesa Administrativa, 1935-1937.
4. Livro de Atas da Mesa Administrativa, 1942-1974.
5. Livro de Atas da Mesa Administrativa, 1975-atualidade.
6. Livro de Atas do Conselho Fiscal, 1954-1984.
7. Livro de Atas do Conselho Fiscal, 1989 (2 fls.).
8. Livro de Atas de reuniões especiais, 1989 (4 fls.).
9. Livro de entrada de irmãos da Santa Casa, 1903...
10. Livro de irmãos da Santa Casa (ordem alfabética).
11. Livro de irmãos da Santa Casa, 1972 (registra 294 irmãos).
12. Livro de presença de irmãos, 1947-1975.
13. Livro de presença de irmãos, 1975-1992.
14. Pasta com documentos históricos da Santa Casa com cópia xerox:
 - Original do termo de posse da 1ª Mesa Administrativa;
 - Original de confirmação pela Regência do 1º Compromisso da Santa Casa;
 - Original do Compromisso da Santa Casa de Areas;
 - Outros documentos.
15. Livro de afirmação de funcionários, 1910-1915.
16. Livro de Portarias do Provedor, 1947-1948 (4 portarias).
17. Livro do Movimento Geral da Santa Casa, 1930-1943.
18. Testamento de João Gomes de Freitas dando 100 contos em ouro para a Santa Casa, para que ela celebrasse, até que o dinheiro acabasse, e com toda a pompa, a Procissão do Senhor Morto.
19. Autorização do bispo de Barra do Pirai, em 1927, para que a capela da Santa Casa funcionasse semipública, aos cuidados das Servas de Maria (está num quadro).
20. Doação em dinheiro feita em 1946 pelos aspirantes de Infantaria à Santa Casa e assinada pelo general Pratti de Aguiar (em um quadro).
21. Diploma que era conferido em 1917 pela Santa Casa aos irmãos.
22. Processo de credenciamento do CTI da Santa Casa.

ENTREVISTAS

Dr. Nilo Gomes Jardim Júnior

Iskandar Hanna Arbache

Dr. Haroldo Viana Rodrigues

Engenheiro Arão Soares da Rocha

Dr. Nivaldo Oliveira Reis

Dr. Afonso Maria Abrão

Irmã Emília (ex-Irmã Catarina)

ICONOGRAFIA DA SANTA CASA

É pobre. Além da citada, de Nunes de Paula, existe um óleo de Jorge Vieira, fixando o lado que possuía uma rampa em 1990, e 4 fotos de ângulos diferentes, no Foto Arte, da Praça Dr. Botelho. Duas fixam a primitiva frente do prédio que foi alterado.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

Extraídos do **Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos-e Antropólogos Brasileiros**, editado pelo Instituto Histórico e Geo-fico Brasileiro. Rio de Janeiro, Editora do Livro, 1991, pág. 34.

BENTO, Cláudio Moreira

N. em Canguçu-RS, em 19/10/1931, filho de Conrado Ernâni Bento e Cacilda M. Bento. Coursou, em Canguçu, o N. S. Aparecida (1938/1944); o ginásio, em Pelotas, no S. L. Gonzaga, e o científico, em Porto Alegre, na EPPA de Cadetes (1950/1952) e a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Rezende-RJ (1953/1954), onde foi declarado aspirante a oficial de Engenharia, em 15/02/1955. Coursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1967/1969) e a Escola Nacional de Informações, em 1975. Integrou as comissões de construção do Parque Histórico dos Guararapes (1970/1971) e a de História do Exército (1971/1974). Foi instrutor de História da AMAN (1978/1980). Comandou o 4o BE de Combate em Itajubá (1981/1982) e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército (1985/1990). Pertence às instituições culturais: IGHMB, IHGRGS, IHTRGS, IHGSC, IHEGPR, IHGSP, IHGMG IHGMT, IAHG-PE, I. do Ceará, IEV, IH de São Leopoldo, IHG Pelotas, IHGSL Gonzaga, I. Mar. Ramon Castilla, I. Bolivariano-RJ, IHGRJ, Academias Brasileira de História, Luso-Brasileira de Letras, Rio-granden-se de Letras, e Itajubense e Canguçuense de História, Sócio honorário do IHGB em 13/12/1978, passou a efetivo em 27/10/1982. Condecorações: mais de 40 anos de bons serviços; oficial do Mérito Militar; Mérito Tamandaré; Pacificador; Grande Oficial da Inconfidência; Santos Dumont; sesquicentenário da PMSP e Mar. Deodoro. É cidadão honorário de Itajubá e comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela cidade de Pelotas. Possui trabalhos transcritos na Câmara Federal, assembléias de Goiás e Minas e Câmara do Recife. É Irmão da Santa Casa do Rio de Janeiro. É autor de numerosos trabalhos de História. No conjunto de seus

trabalhos publicados destacam-se As batalhas de Guararapes, Recife (UFPE, 1971, 2 v.); A grande festa dos lanceiros (Recife, UFPE, 1971); Símbolos do RGS (Recife, UFRPE, 1971); Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (PAlegre, IEL, 1975); O Negro na Sociedade do RGS (PAlegre, IEL, 1975); Como estudar e pesquisar a História do Exército (Brasília, EME-EGGCF, 1978); Canguçu - reencontro com a História (PAlegre, IEL, 1978); A História do Brasil através de seus fortes (PAlegre, GEDEX, -1982); Escolas de formação de oficiais das FFAA (Rio, FHE-POUPEX, 1987); Quartéis Gerais das FFAA (Rio, FHE-POUPEX, 1988); A Guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da República (Rio, FHE-POUPEX, 1989); O Exército na Proclamação da República (Rio, SENAI, 1990); Amor Febril — Memória da canção militar brasileira (Porto Alegre, GBOEx, 1990) e plaquetes: Centenário do término da guerra do Paraguai (Maceió, Trib. Contas, 1972); Tradição e Disciplina (Fortaleza, UFCE, 1971); A Conquista da Amazônia (Rio, DNF, 1973); O Libertador do Acre (Belém, SUDAM, 1973); Sesquicentenário da PMSP (São Paulo, PMSP, 1981); O mineiro cérebro da Revolução Farroupilha (Itajubá, EFEI, 1981); Síntese histórica do 4S BECmb (Itajubá, 1981); Sesquicentenário do combate do Rio Pardo (Rio, MONASA, 1981); Centenário de Conrado Ernâni Bento (Canguçu, 1988); Porto Alegre — Sítios farrapos e administração de Caxias (Brasília, EGGCF, 1989). Possui centenas de artigos em periódicos civis e militares, nacionais e estrangeiros, sobre a História Militar do Brasil, e em especial a do Exército, bem como sobre a História do Rio Grande do Sul. Possui sete prêmios em concursos literários sobre História.

O autor é ligado à região de Resende-Itatiaia há 16 anos, onde acaba de fundar as Academias Resendense e Itatiaense de História.

ANEXOS

ANEXO 1

Movimento Financeiro da Santa Casa de Resende
de 1835 a 1889 (Império), segundo o historiador Dr. João Maia, patrono da
Academia Resendense de História, fundada em 28 de março de 1992.

Santa Casa de Misericórdia—Movimento financeiro

ANNO	RECEITA	DESEPEZA	SALDO	DEFICIT
1835.....	8.087,10	92.891,0		788300
1836.....	1.400,910	1.400,910		
1837.....	1.021,870	1.021,870	18070	
1838.....	3.395,59	3.395,59		518000
1839.....	3.019,520	7.747,820		
1840.....	2.315,740	2.678,890	1.2718,900	
1841.....	4.099,230	3.691,853	1.0018,577	327300
1842.....	2.486,187	2.486,187	68142	
1843.....	3.219,898	2.507,854	2.7128,11	
1844.....	4.075,904	2.291,116	1.8008,184	
1845.....	6.069,811	2.252,182	8086,226	
1846.....	2.121,161	4.455,507		1.7318,06
1847.....	419,000	8018,18		3586,18
1848.....	6.888,780	6.216,756	6720,24	
1849.....	3.108,727	3.018,897	68927	
1850.....	3.668,827	4.318,800	2.3168,27	
1851.....	6.235,117	4.688,121	1.6368,93	
1852.....	4.097,783	3.113,700	9189,33	
1853.....	4.761,882	3.113,700	1.570,979	
1854.....	7.138,999	3.078,924	2.068,203	
1855.....	10.806,104	4.310,880	6.485,118	
1856.....	7.984,848	2.249,887	4.013,308	
1857.....	23.773,711	12.600,111	4.418,139	
1858.....	6.712,210	7.988,248		668398
1859.....	9.940,810	8.068,517	1.933,623	
1860.....	11.012,367	9.111,852	1.8718,65	
1861.....	8.288,250	8.158,821	788124	
1862.....	10.841,557	9.279,292	1.568,55	
1863.....	9.251,852	8.238,785	1.0118,67	
1864.....	8.539,757	6.582,389	1.948,368	
1865.....	8.216,841	8.272,069		58788
1866.....	9.241,753	7.288,697	1.2628,06	
1867.....	7.113,840	8.431,885		1.299805
1868.....	7.778,883	7.918,887		1718,04
1869.....	11.009,289	11.611,612		632553
1870.....	10.472,727	9.016,823	1.4569,14	
1871.....	9.068,978	9.268,825	509,853	
1872.....	7.401,887	9.016,823		1.632296
1873.....	13.077,577	12.975,808	108900	
1874.....	9.806,239	10.015,883		741827
1875.....	10.897,660	10.738,174	107896	
1876.....	8.906,516	8.578,175	338,141	
1877.....	8.652,211	10.097,898		4.445727
1878.....	13.228,759	18.001,809		4.708600
1879.....	10.372,880	9.488,704	8918,79	
1880.....	13.571,887	11.392,863		1.710895
1881.....	11.728,040	11.978,131		245121
1882.....	11.122,780	11.438,824		258544
1883.....	23.070,920	10.808,112	6.2118,78	
1884.....	15.741,978	15.306,628	318,540	
1885.....	15.555,835	14.382,720	1.172,115	
1886.....	14.074,128	13.162,208	9128,00	
1887.....	12.042,880	10.798,225	1.2438,65	
1888.....	10.428,205	9.746,535	7468,170	
1889.....	8.076,975	7.880,975	189,975	

Organizada à vista do livro de receita e de despeza do estabelecimento.

OBSERVAÇÃO. — A elevação da receita nos anos de 1857 e 1881 provém das luterias concedidas em benefício do estabelecimento, e de dinheiros recebidos na thesauraria da provincia para obras do hospital.

Nos annos de maior despeza fez a administração serviços, obras e pagamentos extraordinarios que algumas vezes foram causa de deficit, os quaes felizmente podiam ser annuatiados.

ANEXO 2

Movimento de doentes na Santa Casa de Resende
de 1839 a 1874, segundo o Dr. João Maia.

Movimento da enfermaria desde 1839 a 1874.

ANNOS	ENTRADOS	FALLECIDOS
1839.....	13	0
1840.....	33	8
1841.....	29	0
1842.....	33	2
1843.....	35	11
1844.....	58	8
1845.....	51	14
1846.....	92	19
1847.....	72	15
1848.....	74	13
1849.....	78	Não se pôde colligir
1850.....	83	10
1851.....	78	10
1852.....	73	9
1853.....	92	15
1854.....	103	17
1855.....	100	18
1856.....	100	17
1857.....	129	11
1858.....	128	14
1859.....	161	24
1860.....	189	32
1861.....	181	25
1862.....	160	25
1863.....	177	26
1864.....	176	20
1865.....	180	De então em diante -
1866.....	135	não se pôde colligir dados.
1867.....	164	
1868.....	162	
1869.....	178	
1870.....	214	
1871.....	295	
1872.....	168	
1873.....	319	
1874.....	137	

OBSERVAÇÃO

Bem que o Compromisso mande lançar em livro o movimento da enfermaria com as notas de entrada, alta, obitos e outras declarações importantes, não tem sido regular a escripturação desse e outros livros, o que é muito para lamentar. Na qualidade de promotor de capellas e residuos temos mais de uma vez reclamado o cumprimento daquella disposição nos pareceres que deixamos escriptos na tomada de contas nos annos de 1859 e 1890.

Calcula-se em 126:500\$000 o despendido com esses enfermos até 1867.

Anexo 3

Relação de aspirantes da Arma de Infantaria integrantes da Turma de 19,46,
benfeitora da Santa Casa de Misericórdia de Resende.

- Acy Cantinho Cavalcanti
- Acyr da Silveira Bulcão
- Alberto Goulart Paes Filho

- Alcio Barbosa da Costa e Silva
- Alfredo Augusto Amaral
- Alfredo Chagas Camarão
- Amaury Rocha Vercillo
- Antônio Góes Ferreira Filho
- Antônio Machado dos Santos
- Arlmes de Paula Lopes
- Arioswaldo Tavares Gomes da Silva
- Arivaldo Silveira Fontes
- Arlindo de Araújo Pereira
- Arlindo Leão de Jesus
- Armando Vilá Pitaluga
- Ayrton Capella
- Benedito Celso Camargos Pereira
- Carlos Alberto Aranha Gouvêa
- Carlos Antônio Figueiredo
- Carlos César Guterres Taveira
- Carlos de Oliveira Pinto
- Carlos Theodoro de Albuquerque
- Carlos Victorino Martins Carneiro Monteiro
- Célio Prado Meinicke
- César Cais de Oliveira Filho
- Clóvis Moreira Martins Ferreira
- Clóvis Rodrigues Barbosa
- Danilo Venturini
- Darcy Duarte de Siqueira
- Delson Lanter Peret Antunes
- Douglas Hecht
- Edilson Moreira da Rocha

-Ediwal Oberg

-Eduardo D'Almeida Campos Pereira Mota

-Eduardo do Couto Pfeil

-Emygdio de Paula

-Eniel Garcez dos Reis

-Estevam José Barbosa Ribeiro

-Expedito Orsi Pimenta

-Fernando Augusto Tourinho

-Florentino Tenório Cerqueira

-Francisco Batista Torres de Melo

-Francisco Rodrigues da Silveira

- Frederico Bento Hofmeister

- Frederico Mário da Rocha Borges

-Fritz de Castro Eisenlohr

-Geraldo Candido Sequeira

- Geraldo José Esteves

-Gladstone Pernacetti Teixeira

-Glaugo Penna de Oliveira

Harry Laus

Hélio Berutti

-Hélio Carlos da Silva Sodoma da Fonseca

- Hélio Duarte Magioli

- Hélio Larsen Santos

-Hélio Loro Orlandi

-Hélio Nogueira Saldanha da Gama

- Henrique Luiz Stephan

- Hugo Martins

-Hylson Luiz da Silveira

- Idalécio Nogueira Diógenes
- Irineu Fernandes da Silva
- Israel Coppio Filho
- Jair Codeiro Seabra
- Jardro de Alcantara Avellar
- Jayme de Souza Moreira
- João Florentino Meira de Vasconcelos
- José Alipio Castelo Branco
- José Arnaldo Teixeira Bollina
- José Assumpção
- José Eduardo Lopes Teixeira
- José Maria Barbosa
- José Maury de Araújo Silva
- José Ney Fernandes Antunes
- José Ubirajara Scarcela -Josmar Silva
- Leonel Edmundo Carvalho de Oliveira
- Leônidas Xavier de Lima -Lister de Figueiredo
- Luiz da Silva Vasconcellos
- Mário Roca Dieguez
- Maurício Mauro Guimarães da Silva
- Mauro Maurício Guimarães da Silva
- Milton Soares de Meirelles
- Murillo de Andrade Carqueja
- Nahilton Linhares de Souza Madruga
- Ney Pinto de Alencar
- Ney Vilela Pires de Aguiar
- Orlando Augusto Rodrigues -Orlando Pereira dos Passos
- Oswaldo Julio
- Oyama Olyntho de Almeida

- Paulo Burlier Fontes
- Paulo César de Freitas Coutinho
- Paulo Dias Pereira
- Paulo Ferreira Studart
- Paulo de Macedo Lopes Rego
- Paulo Pizante Baptista
- Pedro Buzatto Costa
- Pedro Luis de Araújo Braga
- Pery Rosenzweig de Menezes
- Raul da Silva Moreira
- Roberto Rébula
- Rubem Perrotti Barbosa
- Rui Alves Werneck
- Ruy Przewadowsky
- Salvador de Barros
- Saulo Monte Serrat
- Sérgio Florentino Paes de Barros e Meira
- Silvio de Melo Dantas
- Sotero Cardoso Rocha
- Telmo Ariosto Athayde Bohrer
- Túlio Enzo Pinto Perozzi
- Tito Teixeira da Fonseca
- Walter de Almeida Lopes
- Walter Fernandes de Almeida
- Walter José Faustini
- Wilberto Luiz Lima
- Willi Agnelo de Miranda
- Wilson Figueroa Nepomuceno da Silva
- Zaldir de Lima

-Zofiel Gouveia de Matos

Total 122 Aspirantes

Trancrito da plaquete Turma da Escola Militar de Resende,
28 de dezembro de 1946, de autoria e coordenação do coronel
Arivaldo Silveira Fontes, que é de família do Dr. Manoel Fernandes da Silveira,
que foi grande médico, Provedor e benfeitor da Santa Casa de Resende



Imagem histórica de N.S. da Piedade, a padroeira da Santa Casa de Misericórdia de Resende e de sua Irmandade. Possui mais de 132 anos e a ela

Homagem a Sandra Masseti , que contribuiu com a maior parte das ilustrações deste trabalho